

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS

**A NEUTRALIZAÇÃO DAS VOGAIS POSTÔNICAS FINAIS
NA COMUNIDADE DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR**

MÍRIAM CRISTINA CARNIATO

Orientadora: Prof^a. Dr. Carmen Lúcia Matzenauer Hermadorena

Pelotas
2000

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PELOTAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM LETRAS
Mestranda: MÍRIAM CRISTINA CARNIATO

**A NEUTRALIZAÇÃO DAS VOGAIS POSTÔNICAS FINAIS
NA COMUNIDADE DE SANTA VITÓRIA DO PALMAR**

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Letras da Universidade
Católica de Pelotas, como requisito parcial
à obtenção do Título de Mestre em Letras
Área de concentração: Linguística Aplicada

Orientadora: Prof^a. Dr. Carmen Lúcia Matzenauer Hernandorena

Pelotas
2000

Dedico aos meus filhos,
Keler, Kessler e Kenya.

Todos os meus sonhos , esforços e conquistas são para vocês.

Dedico este trabalho à
CARMEN LÚCIA MATZENAUER HERNANDORENA
que me permitiu chegar a este estágio de
minha vida profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente

a Serafim, Keler, Kessler e Kenya,
companheiros inseparáveis,
pelo amor, compreensão e motivação.
Sem vocês não teria realizado este trabalho

à minha mãe,
lutadora incansável,
pelo apoio e oportunidade de aqui estar

a minhas irmãs,
Márcia e Daniela,
pelo constante auxílio

a Carmen Lúcia Matzenauer Hernandorena,
pela orientação cuidadosa, pelas valiosas críticas
e incentivo ao meu trabalho

Agradeço também

à coordenação, aos professores e à secretária do Curso de
Mestrado em Letras da Universidade Católica de Pelotas

à colega Geny Camargo

aos amigos Clara da Silva e Roberto Ferrari

aos colegas mestrandos

à coordenação e professores do Curso de Letras da UCPel

aos informantes

a todos aqueles que, de uma forma ou outra, participaram e
ajudaram na realização desta pesquisa

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	15
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	18
2.1 Revisão de aspectos de fonologia.....	18
2.2 Fonologia Autossegmental.....	20
2.3 As vogais.....	27
2.4 Variacionismo.....	41
3.METODOLOGIA.....	46
3.1 Os dados da pesquisa.....	46
3.2 Os informantes.....	47
3.3 Instrumentos de apoio para a coleta de dados.....	48
3.4 Método de análise.....	48
3.5 Definição das variáveis.....	51
3.5.1 Variável dependente.....	51
3.5.2 3.5.2Variáveis independentes.....	51
3.5.2.1 Variáveis lingüísticas.....	51
3.5.2.2 Variáveis extralingüísticas.....	55
4.ANÁLISE ESTATÍSTICA: DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS.....	58
4.1 Faixa etária.....	59
4.2 Segmento precedente.....	61
4.3 Segmento seguinte.....	64

4.4 Outros grupos de fatores.....	67
4.4.1 Contexto vocálico precedente.....	67
4.4.2 Tipo de sílaba postônica final.....	70
5. ANÁLISE DOS DADOS.....	73
5.1 Grupo de fatores lingüísticos favorecedores da neutralização.....	73
5.1.1 Fator lingüístico favorecedor.....	73
5.2 Grupo de fatores extralingüísticos favorecedores da neutralização.....	85
5.2.1 Fator extralingüístico favorecedor.....	91
6. CONCLUSÃO.....	100
BIBLIOGRAFIA.....	102

RESUMO

O presente estudo trata da regra de neutralização das vogais médias em posição postônica final, na fala de 12 informantes da comunidade de Santa Vitória do Palmar, sob a perspectiva da Fonologia Autossegmental e da Sociolingüística Laboviana. O estudo quantitativo mostra que o fenômeno da neutralização, nessa região, é influenciado pelo fator lingüístico segmento precedente, que tem na estridente coronal o seu ambiente favorecedor. Mostra-se também significativo nesse estudo o fator extralingüístico faixa etária, caracterizando a ausência do processo de neutralização na fala dos mais velhos e a sua expansão entre os mais jovens.

RESUMEN

Este trabajo analiza la regla de neutralización de las vocales medias en posición postónica final, en el habla de 12 informantes de la comunidad de Santa Vitória do Palmar, son destacados según la Fonología Autosegmental y la Sociolingüística Laboviana. El estudio comprueba que el fenómeno neutralización, en esa región, es influenciado por el factor lingüístico segmento precedente, que tiene en la estridente coronal su ambiente favorecedor. También es significativo el factor extralingüístico edad, caracterizando la falta del proceso de neutralización en el habla de los mayores (más de 50 años) y su gran realización entre los jóvenes.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1- Comportamento da vogal /e/ segundo a variável “segmento precedente”...74	74
GRÁFICO 2- Comportamento da vogal /o/ segundo a variável “segmento precedente”...75	75
GRÁFICO 3- Comportamento da vogal /e/ segundo a variável “escolaridade”.....86	86
GRÁFICO 4- Comportamento da vogal /o/ segundo a variável “escolaridade”.....87	87
GRÁFICO 5- Comportamento da vogal /e/ segundo a variável “faixa etária”.....91	91
GRÁFICO 6- Comportamento da vogal /o/ segundo a variável “faixa etária”.....92	92
REPRESENTAÇÃO 1- Vogal /e/ segundo a Fonologia Gerativa Clássica.....19	19
REPRESENTAÇÃO 2- Condição de Boa Formação.....22	22
REPRESENTAÇÃO 3- Segmento consonantal representado através da Geometria de Traços.....24	24
REPRESENTAÇÃO 4- Segmento vocálico representado através da Geometria de Traços.....25	25
REPRESENTAÇÃO 5- Vogais em posição tônica.....28	28
REPRESENTAÇÃO 6- Vogais em posição tônica diante de nasal.....29	29
REPRESENTAÇÃO 7- Vogais em posição pretônica.....30	30
REPRESENTAÇÃO 8- Vogais em posição postônica não-final.....31	31
REPRESENTAÇÃO 9- Vogais em posição postônica final.....31	31
REPRESENTAÇÃO 10- Sistema vocálico proposto por Lopez (1979).....32	32

REPRESENTAÇÃO 11- Representação das distinções de altura das vogais /u/ e /a/ através dos traços de abertura.....	34
REPRESENTAÇÃO 12- Representação das distinções de altura das vogais /u,o,a/ através dos traços de abertura.....	34
REPRESENTAÇÃO 13- Representação das distinções de altura das vogais /u,o,ɔ,a/ através dos traços de abertura.....	35
REPRESENTAÇÃO 14- Representação das distinções de altura das vogais através dos traços de abertura.....	35
REPRESENTAÇÃO 15- Neutralização da vogal átona.....	36
REPRESENTAÇÃO 16- Representação da regra de redundância proposta por Wetzels (1992).....	37
REPRESENTAÇÃO 17- Neutralização da vogal postônica não-final.....	37
REPRESENTAÇÃO 18- Neutralização da vogal postônica final.....	39
REPRESENTAÇÃO 19- Representação da fórmula que indica a frequência de ocorrência de forma variante para medir a ação dos fatores Labov (1962).....	43
REPRESENTAÇÃO 20- Representação da fórmula do modelo logístico proposto por Naro (1992).....	44
REPRESENTAÇÃO 21- Representação da palatal coronal /ʃ/ através da Fonologia .Autossegmental.....	81
REPRESENTAÇÃO 22- Regra de neutralização em -/afo/ → [aʃu]	82
REPRESENTAÇÃO 23- Representação das africadas palatais [tʃ, dʒ] através da Fonologia Autossegmental.....	84

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- Comportamento da vogal /e/, segundo a variável “faixa etária”.....	59
TABELA 2- Comportamento da vogal /o/, segundo a variável “faixa etária”.....	60
TABELA 3- Comportamento da vogal /e/, segundo a variável “segm. precedente”....	61
TABELA 4- Comportamento da vogal /o/, segundo a variável “segm. precedente”....	62
TABELA 5- Comport. da vogal /e/, segundo a variável “segm. seguinte”.....	64
TABELA 6- Comport. da vogal /o/, segundo a variável “segm. seguinte”.....	65
TABELA 7- Comport. da vogal /e/, segundo a variável “contexto vocálico preced.”..	67
TABELA 8- Comport. da vogal /o/, segundo a variável “contexto vocálico preced.”..	68
TABELA 9- Comport. da vogal /e/, segundo a variável “tipo de sílaba”.....	70
TABELA 10- Comport. da vogal /o/, segundo a variável “tipo de sílaba”.....	71
TABELA 11- Comparação das variáveis “escolaridade” e “faixa etária” no comportamento da vogal /e/.....	88
TABELA 12- Comparação das variáveis “escolaridade” e “faixa etária” no Comportamento da vogal /o/.....	88

1 Introdução

O processo de neutralização das vogais em posição postônica é tido como fenômeno corrente na fonologia do português. Bárbara Lopez (1979), estudando o dialeto carioca, mostra como categórica a neutralização das vogais /e/ e /o/ em posição postônica final. Entretanto, no Rio Grande do Sul, a realidade não é exatamente a mesma: Vieira (1994), numa análise desse processo em quatro comunidades gaúchas – descendentes de italianos, descendentes de alemães, fronteiriços e metropolitanos – concluiu ser a neutralização uma regra variável, em todos os grupos estudados, com exceção da comunidade metropolitana.

O presente trabalho mostra-se relevante pois são poucos os estudos sobre neutralização vocálica na fronteira mais meridional do Rio Grande do Sul com o Uruguai, onde se encontra Santa Vitória do Palmar, comunidade que possui acentuada influência cultural desse país e cujo uso da língua foi aqui objeto de estudo.

O sistema fonológico do Espanhol não apresenta a neutralização das vogais, e a comunidade estudada, pela posição geográfica e pela história da cidade, até os anos 70 – quando houve a construção da BR 471 – tinha muito maior contato com o Uruguai do que com outras cidades do Rio Grande do Sul. Esses fatores permitiram a formulação das seguintes hipóteses:

a)-a neutralização é prestigiada pelos jovens devido ao maior contato com as cidades brasileiras nos últimos trinta anos, no entanto os mais velhos (mais de 50 anos) nesta comunidade não aplicam a regra de neutralização das vogais postônicas;

b)-fatores lingüísticos e extralingüísticos condicionam a aplicação da regra de neutralização das vogais médias postônicas finais em Santa Vitória do Palmar.

A presente pesquisa objetivou analisar o processo de neutralização das vogais postônicas finais em Santa Vitória do Palmar, verificando seus condicionamentos lingüísticos, descrevendo-os e abordando-os sob a perspectiva da Fonologia Autossegmental, além de identificar fatores extralingüísticos que possibilitariam detectar eventuais sinais de mudança lingüística na comunidade estudada.

Esta pesquisa está organizada em seis capítulos que, em maior parte, se subdividem em seções secundárias e terciárias.

O capítulo 1 apresenta um breve relato sobre as diferentes partes da pesquisa; tem função introdutória.

O capítulo 2 aporta uma revisão bibliográfica de aspectos da fonologia e do variacionismo. Enfatiza-se, na parte da fonologia a Fonologia Autossegmental o sistema de vogais no português brasileiro, bem como o fenômeno da neutralização. Na parte variacionista, enfatiza-se a abordagem de Labov.

O capítulo 3 apresenta a Metodologia utilizada na pesquisa.

O capítulo 4 refere-se à análise estatística dos dados. Primeiramente se descrevem e discutem os fatores considerados relevantes no processo de neutralização das vogais postônicas finais. Segue a comparação de outros grupos de fatores com estudos da área.

O capítulo 5 apresenta a análise lingüística dos fatores considerados relevantes no quarto capítulo. Primeiramente são considerados os aspectos fonológicos de cada variante e, a seguir, os aspectos extralingüísticos que caracterizam a variação.

O capítulo 6 diz respeito às conclusões do trabalho.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo apresenta os aspectos mais significativos dos modelos teóricos utilizados na análise dos dados da presente pesquisa.

2.1 Revisão de aspectos de fonologia

A fonologia é a ciência que estuda os fonemas e como eles se organizam nas diferentes línguas para veicular significado.

Em meados dos anos cinquenta a pesquisa foi impulsionada pela competição entre Estados Unidos e União Soviética. As idéias de Bloomfield (Estados Unidos) e Saussure (Europa), que haviam impulsionado o Estruturalismo, começavam a sofrer uma série de modificações em suas hipóteses. Na década de 60 Chomsky era um dos principais autores da Teoria Gerativista, na qual foram propostas *regras gerativas de base*, que definem estruturas invariantes subjacentes, ou profundas, e *regras de transformação*, que se aplicam às estruturas profundas e, por supressão, acréscimo ou permuta de constituintes, definem as estruturas superficiais.

Em 1968, Chomsky & Halle propuseram, em seu trabalho *The Sound Pattern of English*, um modelo teórico que sistematiza os traços distintivo como a menor partícula que pode motivar um estudo fonológico, em oposição à concepção estruturalista, que

Apesar da não-hierarquização dos traços e de outras deficiências, o modelo conseguiu expressar, por meio de traços, as classes naturais, possibilitando a representação de generalizações, além de abrir caminho para as fonologias não-lineares, como, por exemplo, a Teoria Autossegmental.

2.2 Fonologia Autossegmental

A Fonologia Autossegmental surge com a proposta de um modelo não-linear no qual os traços que tipicamente funcionam juntos em regras lingüísticas são agrupados em estruturas arbóreas hierarquizadas. Grupos menores são sucessivamente reagrupados em classes maiores até que todos os traços venham a formar um nó único (raiz), que domina todos os traços e é dominado por uma unidade abstrata de tempo (Clements & Hume, 1995).

Os traços fonológicos têm *status* de segmentos autônomos, logo, são autossegmentos colocados em camadas independentes. Essas seqüências autônomas ou *tiers* representam também realizações fonéticas individuais que emanam do trato vocal do falante, e são ligadas entre si através de linhas de associação.

A fonologia não-linear rejeita a restrição de bijetividade, em que para Poser (1982, p.122) *cada segmento corresponde exatamente a uma especificação em termos*

de traços e, conversamente, cada especificação em termos de traços corresponde exatamente a um segmento. O uso dessa restrição proíbe o apagamento parcial de um segmento, assim como sua inserção, nas representações, de um feixe incompleto de especificações de traços, operações estas que dariam origem a segmentos que violariam a exigência de que cada segmento deve conter exatamente uma especificação para cada um dos traços que o definem. Essa mesma restrição também desautoriza representações nas quais um único traço seja compartilhado por dois ou mais segmentos; ou aquelas em que um mesmo segmento esteja associado a dois traços (como no caso de melodias tonais altas e baixas correspondentes a um mesmo segmento); ou, ainda, casos em que uma especificação de traço não esteja associada a segmento algum (Abaurre & Wetzels, 1992, p.6).

Goldsmith (1976), abole a restrição de bijetividade em um modelo em que 1) os traços têm, cada um, seu próprio nível de segmentalização (ou camada autossegmental); 2) o número de autossegmentos não corresponde necessariamente ao número de fonemas presentes em uma determinada sequência; e 3) os autossegmentos estão ligados a suas unidades segmentais por meio de linhas de associação

Essas associações devem observar a *Condição de Boa-formação* em que :

- a)-todos os elementos silábicos devem estar associados a, pelo menos, um elemento silábico;
- b)-todos os elementos silábicos devem estar associados a, pelo menos, um tom;

dominar um nó da cavidade oral, um nó laríngeo, um nó de ponto, e um conjunto de traços terminais, entre os quais estão os traços articuladores: [labial], [dorsal], [coronal].

Clements & Hume (1995, p.292) propõem, para as consoantes e vogais a representação a seguir:

(3)

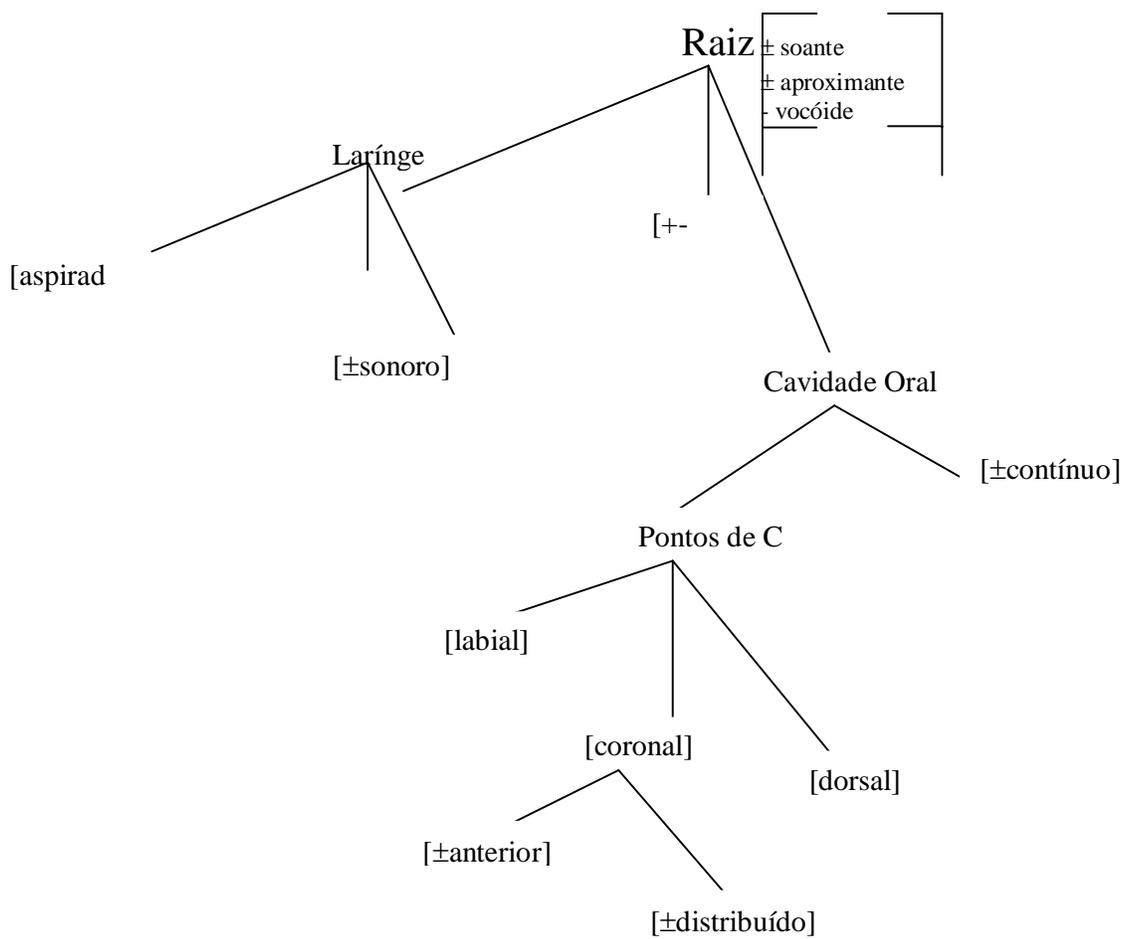


Figura 3- Representação de um segmento consonantal através da geometria de traços

(4)

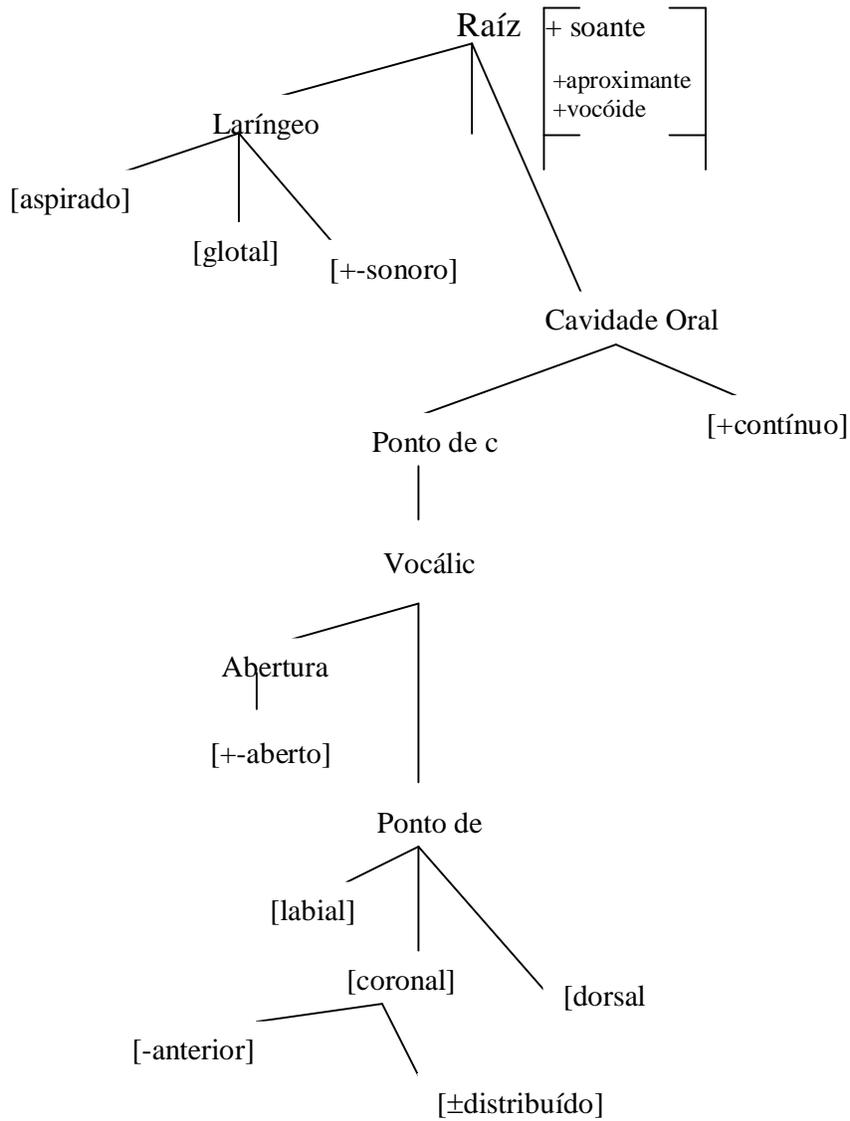


Figura 4 - Representação de um segmento vocálico através da geometria de traços

Segundo Hernandorena (1996,p.50) qualquer som da fala pode ser representado nas formas mostradas em (3) e (4).

Mota (1996, p.28-9) evidencia que a Fonologia Autossegmental consegue, com poucas regras, como ligações (para espraçamento), desligamentos, inserções *default*, apagamentos e regras de mudanças de traços, de fusão e de fissão, dar conta de todos os processos fonológicos da língua, o que atesta a simplicidade e a eficiência descritiva da teoria.

Espiga (1997, p.14) enfatiza que a formalização de processos fonológicos, segundo a Geometria de Traços, é simples, e dá como exemplo o processo de assimilação, que ocorre por condicionamento de contextos vizinhos. Esse é entendido como o espraçamento (*spreading*) de traços terminais ou de constituintes entre as estruturas e é representado pelo traçado de uma linha pontilhada que parte do autossegmento de origem (o gatilho da regra) em direção a um nó constituinte hierarquicamente superior da estrutura alvo.

Sendo a neutralização – foco deste trabalho - um processo em que ocorre a alternância entre as vogais médias altas e vogais altas, é a altura a propriedade que sofre alteração nesse processo. Na Fonologia Autossegmental, a altura das vogais é caracterizada pelo nó Abertura e, valendo-se dessa teoria, com a desassociação de *tiers*

de abertura, pode-se, então, descrever o processo de neutralização das vogais médias /e/ e /o/ em posição postônica final.

2.3 As vogais

Em referência às vogais, Camara Jr. (1970, p.39) diz ser seu comportamento mais complexo do que o uso aparentemente simples e regular das cinco letras latinas vogais na escrita. Aponta 7 fonemas vocálicos, multiplicados em muitos alofones, no português brasileiro. Segundo Mattoso, os falantes de espanhol têm dificuldade de entender o português falado, em virtude de o sistema vocálico do espanhol possuir um jogo de timbres menor e menos variável.

No português o que se chama *acento*, associado ao *tom* - ligeira elevação da voz- constitui posição ótima para caracterizar as vogais. Parte-se, então, da posição tônica para classificar as vogais distintivas portuguesas.

O sistema vocálico do português é triangular. A base é voltada para cima . As vogais anteriores se caracterizam pelo avanço anterior da língua e a sua elevação gradual, e as vogais posteriores, com um recuo da parte posterior da língua e sua elevação gradual. A elevação gradual da língua, na parte anterior ou posterior, dá a classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias de 1º grau (abertas), vogais

médias de 2º grau (fechadas) e vogais altas. Tem-se a vogal /a/ como vértice mais baixo do triângulo.

(5) Vogais em posição tônica (Câmara Jr, 1970, p.33)

	não-arredondadas		arredondadas
altas	/ i /		/ u /
médias	/ e /		/ o / (2º grau)
médias	/ ε /		/ ɔ / (1º grau)
baixa		/ a /	
	anterior	central	posterior

No português do Brasil a posição da vogal tônica diante de consoante nasal na mesma sílaba ou na sílaba seguinte elimina as vogais médias de 1º grau e torna a vogal baixa central levemente posterior, em vez de anterior. Desaparece a oposição entre as vogais médias de 1º grau. Exemplo: l[e]nha, s[o]nho e não l[ε]nha, s[ɔ]nho.

(6) Vogais em posição tônica diante de nasal (Câmara Jr., 1970,p.33)

altas	/ i /		/ u /
médias	/ e /		/ o /
baixa		/ a /	
	anterior	central	posterior

Trubetzkoy (1929) chama de neutralização a redução do número de fonemas, ou seja, uma oposição desaparece ou é suprimida, empregando-se um fonema em vez de dois. Nas vogais médias antes de vogal tônica, ou seja em posição pretônica, desaparece a oposição entre as médias de 1º grau e 2º grau, empregando-se somente as médias altas. Exemplo: f[ɔ]rma, f[o]rmoso.

(7) Vogais em posição pretônica (Câmara Jr.,1970, p.34)

altas	/ i /		/ u /
médias	/ e /		/ o /
baixa		/ a /	
	anterior	central	posterior

Também ocorre neutralização em posições postônicas não-final e final. Nas vogais médias não-finais, depois da vogal tônica, há a neutralização entre /o/ e /u/, que são posteriore, (côm[u]da em vez de côm[o]da). Para Câmara (1953, p.135-6) a grafia com /o/ ou /u/ é “uma mera convenção da língua escrita”, pois o que se tem, na realidade, é /u/. O autor exemplifica com palavras de textos de poetas brasileiros conhecidos, em que ‘pérolas’ rima com ‘cérula’ e ‘estrídulo’ com ‘ídolo’.

(8) Vogais em posição postônica não-final (Câmara Jr., 1970, p.34)

altas	/ i /		/ u /
médias	/ e /		-----
baixa		/ a /	
	anterior	central	posterior

Em posição postônica final as vogais, seguidas ou não de / S /, ficam reduzidas a três, ocorrendo neutralização entre as vogais médias e altas. Exemplos: ‘fon[i]’, ‘fot[u]’, no lugar de ‘fon[e]’, ‘fot[o]’ e ou ‘lid[i]’, ‘lid[u]’ no lugar de ‘lid[e]’, ‘lid[o]’.

(9) Vogais em posição postônica final (Câmara Jr., 1970, p.34)

altas	/ i /		/ u /
baixa		/ a /	
	anterior	central	posterior

Em relação, ainda, a esta posição, segundo Câmara (1970,p.35) pode-se observar no sul do país a utilização de um timbre mais aberto na articulação de / e /, salientando uma oposição distintiva ténue entre / e / e / i / átono final, como no par mínimo júri x jure do verbo jurar. A pronúncia padrão, para Mattoso, porém, movimenta-se no sentido da eliminação de tal oposição.

Com base numa visão gerativa, Bárbara Lopez (1979, p.50), estudando o dialeto carioca, propõe um sistema vocálico com quatro alturas, onde a vogal / a / deixa de ser central e passa a ser considerada posterior. O sistema proposto por Lopez é o seguinte:

(10)

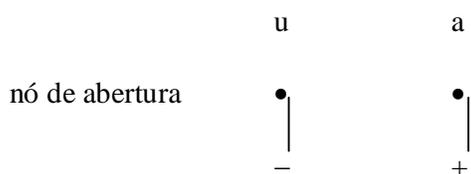
[- post.]				[+post.]	
[-arred.]				[-arred.]	[+arred.]
+alto	-bx	+elel	i		u
-alto	-bx	+ele	e		o
-alto	-bx	-ele	ɛ		ɔ
-alto	+bx			a	

Em relação às posições átonas, Lopez concorda com Mattoso quanto à ocorrência de neutralização, mas, ao tomar como parâmetro para estudo o dialeto carioca, deixando de lado outras regiões do país, ignora a existência de cinco vogais em posição postônica no português falado no Brasil.

Ao rejeitar o “princípio da bijetividade” (relação de um-para-um) e ao reconhecer uma hierarquia entre os traços, como foi visto na seção 2.2, a Fonologia Autossegmental passou a analisar os segmentos em camadas ou *tiers*, ou seja, pôde dividir partes do som e tomá-las independentemente. Assim uma regra pode operar somente no tier [nasal], ou no tier [contínuo] ou no tier aberto, por exemplo, onde é representado o fenômeno da neutralização.

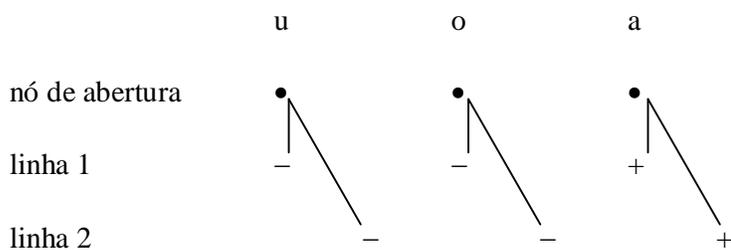
Wetzels (1992, p.20) parte da proposta de Clements (1991b), para representar as distinções de altura das vogais do português brasileiro através de traços de abertura. O traço [aberto] é organizado hierarquicamente em *tiers*, a cada um dos quais deve ser atribuído o valor + ou -, dividindo as vogais em dois registros e criando um sistema de duas alturas vocálicas como por exemplo /u,a/ em (11):

(11)



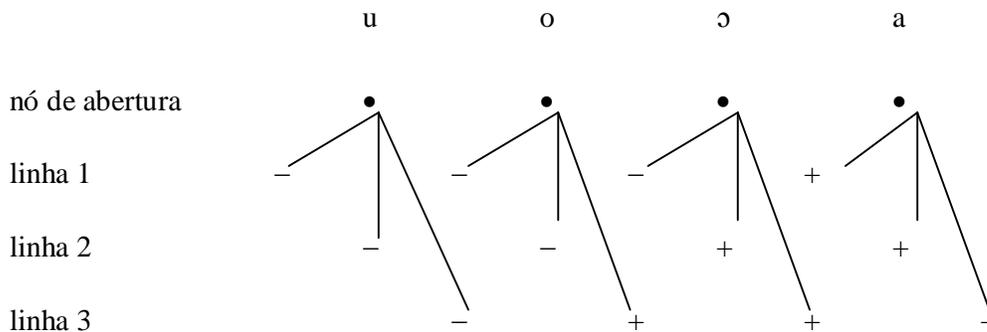
Pode-se obter um sistema com três, quatro ou mais alturas vocálicas ao subdividir-se cada um desses registros:

(12)



1 Usou-se o termo ‘elevado’ para a tradução de “raised”, empregado por Lopez.

(13)



O sistema de vogais tônicas da língua é representado como (14) mostra.

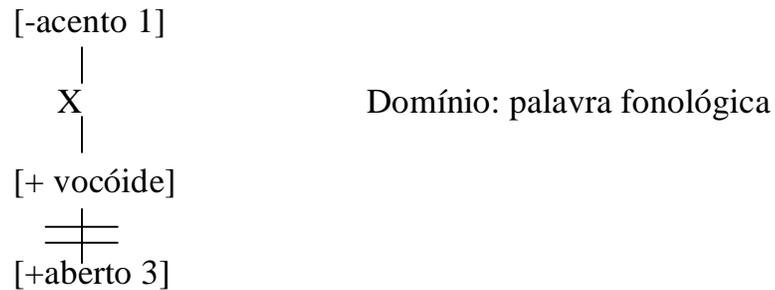
(14)

abertura	i / u	e / o	ɛ / ɔ	a
aberto 1	-	-	-	+
aberto 2	-	+	+	+
aberto 3	-	-	+	+

Wetzels (1992) concorda com Câmara Jr. ao afirmar que o português brasileiro possui sete vogais em posição tônica, cinco vogais pretônicas, quatro postônicas não-finais e somente três postônicas finais. Essa redução do sistema vocálico em posições átonas decorre, segundo os autores, do processo de neutralização.

Seguindo o modelo autosegmental, Wetzels representa a neutralização das vogais átonas do português brasileiro como desassociações de traços de abertura. A neutralização das átonas é representada como está em (14) (Wetzels, 1992, p.23):

(15) Neutralização de vogal átona



Nessa representação em (14) se evidencia que é somente no tier [aberto 3] que o contraste entre as vogais médias alta e baixa é existente. Pela regra de neutralização proposta por Wetzels, a vogal que não está na principal posição tônica dentro da palavra fonológica será desassociada do [+aberto 3]. Sendo desassociado esse *tier*, a vogal ficou subespecificada. Para que se dê sua realização fonética é aplicada uma regra de redundância, que atribui ao segmento vocálico o valor não-marcado (negativo) do traço (Wetzels, 1992, p.52). A regra de redundância proposta por Wetzels apresenta a formalização mostrada em (16).

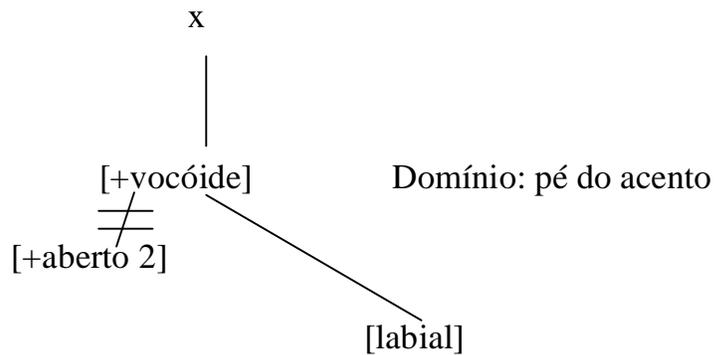
(16)

$[\emptyset \text{ aberto } x] \rightarrow [- \text{ aberto } x]$

Pela aplicação dessa regra, o desligamento do [+aberto 3] em (15) implica a inserção do valor [-aberto 3], acarretando a realização fonética das vogais médias altas [e] e [o] em posições átonas na língua. Ex: p[]dra- p[e]dreiro, p[]rta- p[o]rteiro.

Para a caracterização da neutralização das vogais postônicas não-finais, Wetzels (1992, p. 27) formula a seguinte regra:

(17) Neutralização da vogal postônica não-final



Por essa regra, a oposição entre [o] e [u] em posição postônica não-final é neutralizada, ou seja, quando a vogal [o] estiver na borda direita do pé do acento, em palavras proparoxítonas.

Salienta-se que a atribuição do acento primário em Português se dá, segundo Bisol (1992, p.71-2) com base na formação de pés troqueus, não iterativos, da direita para a esquerda. A autora propõe que, em palavras proparoxítonas, a última sílaba da palavra seja considerada extramétrica, e, portanto, fique invisível no momento da construção do pé troqueu que dará a base para o acento da palavra. O que ocorre, por exemplo, na palavra *pérola* é o seguinte:

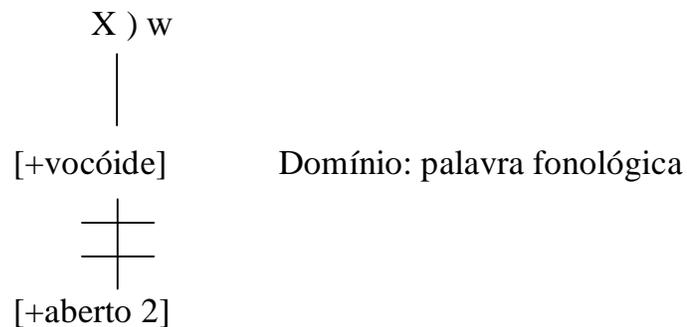
Péro<la>
(* .)

Nesse exemplo, a sílaba *ro* fica na borda direita (lado fraco) do pé métrico e a vogal /o/ está atendendo ao contexto da regra (17). Assim, sofre o desligamento do [+ aberto 2] e, depois de aplicada a regra de redundância expressa em (16) – a qual preenche esse *tier* como [-aberto 2] -, manifesta-se foneticamente como [u]. Daí têm-se as formas ‘pér[u]la’, ‘abób[u]ra’, ‘fósf[u]ro’, ‘côm[u]da’, ‘árv[u]re.

É importante salientar que, no estágio atual do português brasileiro, a regra (17) somente se aplica à vogal média labial [o], não atingindo ainda a vogal [e]. No entanto, a tendência talvez seja a englobar também essa vogal, uma vez que já se registram realizações fonéticas como ‘núm[i]ro’, ‘álg[i]bra’, por exemplo.

A neutralização das vogais átonas finais é representada por Wetzels (1992, p.27) conforme (18):

(18) Neutralização da vogal postônica final



A regra (18) causa a desassociação do tier [+aberto 2] das vogais que são localizadas em sílaba não acentuada em final de palavra, causando a neutralização de [o] e [u] e de [e] e [i] em favor das vogais altas. Ex: ded[o] – ded[u], film[e] – film[i].

A realização fonética das vogais altas [u] e [i] ocorre porque, desligando-se o traço [+aberto 2] e, a seguir, aplicando-se a regra de redundância apresentada em (13), insere-se o traço [-aberto 2], passando-se a ter as vogais altas do sistema.

Deve ser salientado que a regra representada em (15) só é aplicada em sílaba leve ou seguida de /S/, como mostram os exemplos ‘mur[u]’, ‘mestr[is]’. Conforme

refere Vieira (1994), em sílaba pesada a regra não é aplicada: * repórt[i]r, * revólvr[i]r,
* carát[i]r.

2.4 Variacionismo

A Teoria da Variação foi inaugurada em 1963 por William Labov, ao estudar a centralização de ditongos na ilha de Martha's Vineyard. Tal teoria se opõe à noção da homogeneidade do sistema lingüístico e à ausência do componente social no modelo gerativo clássico, proposto por Chomsky (1957).

Labov propõe o levantamento de dados, sua classificação e análise quantitativa, com o objetivo de descrever a variação sistemática da língua falada.

O modelo variacionista, que integra a Sociolingüística, defende o estudo da fala do indivíduo como membro da comunidade, pois as pressões sociais operam continuamente sobre a língua, não de um ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no momento presente (Labov, 1980, p.3).

A partir do contato com indivíduos previamente selecionados de uma comunidade, através de uma amostra de fala espontânea coletada com instrumentos adequados para esta finalidade, cria-se um *corpus*, com o qual se pode reconstruir a história recente de uma mudança lingüística, estudar sua freqüência e sua distribuição nas regiões, grupos sociais e étnicos onde ela ocorre, relacionando o padrão lingüístico com as diferenças paralelas existentes na estrutura social.

Na experiência de pesquisas baseadas em *corpora*, segundo Mollica (1992, p.33), a coleta de dados é feita em situações reais de comunicação, e “a teoria da

variação lingüística capta exemplares da língua em uso num contexto social e pode dirigir, assim, seu foco de interesse imediato para esse condicionamento externo (idades, homens e mulheres, outros)”.

Ao descobrir a heterogeneidade sistemática da língua, através do vernáculo, o variacionista obtém uma base para que se estabeleça a natureza do sistema, através do qual se possa determinar o que é caracterizado como desvio em relação a ele (Poplack, 1990).

A heterogeneidade lingüística do português brasileiro é composta de uma grande diversidade de falares provenientes da miscigenação de muitas etnias e culturas e que tem como base o português de quinhentos anos atrás trazido da Europa pela chegada dos primeiros colonizadores portugueses ao Brasil.

Nessa riqueza de variantes, o variacionista deverá, para sistematizá-la, ter em conta quando, por que, onde e por quem ela foi usada.

Segundo Labov, um sistema lingüístico possui regras categóricas e regras variáveis. A primeira não tem motivação social, está sujeita somente a fatores lingüísticos; já a regra variável é motivada tanto por fatores lingüísticos quanto extralingüísticos, ou seja, sociais. Para descobrir essas diferenças sistemáticas entre os falantes e as regras variáveis, o variacionista emprega técnicas quantitativas associadas

ao indivíduo, considerando fatores como idade, sexo, etnia, os aspectos sócio-geográficos como escolaridade, classe social, profissão , entre outros.

Labov, em 1963, propôs um modelo aditivo que indica a frequência de ocorrência de forma variante para medir a ação dos fatores, com a seguinte formulação:

(19)

$$P_t = f_0 + f_1 + f_2 + \dots + f_n$$

Nessa formula considera-se f_0 a média global de aplicação da variante estudada e f_n o número total de fatores relevantes. Esse modelo, devido a problemas técnicos considerados para a época insuperáveis, não foi considerado, pois se tratava de uma soma de números, e não havia como impedir que a soma não ultrapassasse 100%, o que não correspondia à realidade.

Cedergreen e Sankoff (1974, p. 33) apresentaram um novo modelo, denominado “multiplicativo de aplicação”, em que sua interpretação probabilística permite a análise do comportamento das regras variáveis, pois substitui as frequências por probabilidades e apresenta, como função básica, o modelo clássico de efeito simultâneo de fatores independentes.

Rousseau e Sankoff, em 1978 aperfeiçoaram esse modelo, descrevendo as ocorrências de duas formas alternativas em competição. Assim, pôde-se adotar o modelo multiplicativo de aplicação da regra variável, definindo a co-atuação de fatores inibidores à aplicação da regra, e o modelo multiplicativo de não aplicação, que é apropriado para fatores favorecedores (Naro, 1992, p.22). O modelo proposto é, então, chamado de logístico e sua fórmula é a seguinte:

(20)

$$Pf/(1-pf)+po/(1-po)+pl/(1-pl)+.....pn/(1-pn)$$

Na fórmula, pf é a probabilidade global de se aplicar determinada regra variável no contexto em que ocorra um fator de cada grupo; po é uma probabilidade correspondendo à média geral de aplicação da regra, assim como pl ; $p2.....$ indica a probabilidade de não aplicação. Nesse sentido o modelo logístico é uma síntese do modelo anterior.

A metodologia da teoria variacionista constitui uma ferramenta segura, afirma Naro (1992), ao analisar esses modelos, podendo, assim, ser utilizada no estudo de fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações lingüísticas.

Cabe ao pesquisador descobrir quais são os fatores relevantes, através do levantamento e codificação dos dados, e interpretar os resultados numéricos obtidos corretamente dentro de uma visão teórica da língua.

3. METODOLOGIA

Este capítulo visa apresentar o método de análise, os instrumentos de apoio, os procedimentos adotados para a coleta de dados, os critérios para a escolha dos informantes e as variáveis controladas na presente pesquisa.

3.1 Os dados da pesquisa

Os dados analisados neste trabalho fazem parte de um *corpus* constituído através de gravações de entrevistas com temas livres, que apresentam duração média de 30 minutos.

Após a realização da gravação, os dados foram transcritos foneticamente e catalogados, atribuindo-se-lhes códigos segundo cada variável controlada na pesquisa. Esses códigos foram empregados em fichas especialmente preparadas para permitir a leitura das variáveis lingüísticas e extralingüísticas.

Uma vez codificados os dados, foram submetidos a processamento numérico mediante a utilização do sistema Varbrul de computação estatística, que se encontra detalhadamente explicado no item 3.4.

3.2 Os informantes

Foram selecionados para fazer parte do *corpus* desta pesquisa doze (12) informantes, sendo em número de 3 para cada célula. De acordo com Tarallo (1997, p.28), o tamanho da amostra depende da natureza lingüística da variável a ser estudada, e uma variável fonológica é bastante recorrente na fala, não exigindo amostra de grande extensão.

A escolha desses informantes foi realizada de acordo com o preenchimento dos seguintes requisitos:

- serem oriundos da cidade de Santa Vitória do Palmar;
- terem vivido, no mínimo, $\frac{3}{4}$ partes de sua vida na região;
- serem alfabetizados, tendo concluído ou não o primeiro grau, mas sem ingressar em curso superior.

3.3 Coleta de dados

O trabalho de campo foi realizado mediante entrevistas com temas livres; eram sugeridos temas que interessassem o entrevistado, isto é, que o envolvessem afetivamente. São exemplos de temas das entrevistas: situação da fronteira em face do Mercosul, rotinas do cotidiano, estudos, escola, cultura, história da fronteira, carnaval, boates, clubes, política e economia, e outros.

O uso apenas da fala espontânea não permitiu o estudo das vogais em posição postônica não-final, um dos objetivos iniciais da presente pesquisa. Esse objetivo não pôde ser atendido pela falta de ocorrência suficiente dessas vogais no *corpus*, de modo que fosse possível analisá-las e submetê-las a um tratamento estatístico. Para o estudo de vogais átonas postônicas, portanto, teria sido necessária a aplicação de um instrumento que motivasse sua produção em maior frequência.

3.4 Método de análise

Os dados foram submetidos, após transcritos e codificados, ao sistema Varbrul de análise estatística.

O sistema Varbrul foi criado por Susan Pintzud (1988), com base em programa de Donald Hindle (Make 3000) e em algoritmos escritos por David Sankoff e Pascale Rousseau (Varb 2000).

Os programas utilizados nesta pesquisa foram Checktok, Readtok, Makecell, Ivarb e Crosstab. O pacote computacional é formado por 10 programas, sendo que somente os 5 referidos anteriormente foram necessários para a análise, já que a regra estudada é variável.

Para a utilização desses programas cria-se previamente um arquivo de codificação de dados (*.dat), um arquivo de condições (*.con), que apresenta o número de variáveis que foram trabalhadas, e um arquivo de especificações (*.esp), onde se encontram os fatores das variáveis dependentes e independentes (lingüísticas e extralingüísticas).

Após a criação desses arquivos, para verificar a eventual ocorrência de erros das informações digitadas ou inadequação dos códigos associados aos dados, utiliza-se o programa Checktok, que compara os conteúdos das seqüências codificadas no arquivo de dados de acordo com as listas especificadas para cada grupo de fatores e envia os resultados obtidos para um arquivo específico (*.cor). Se forem detectados erros, edita-se o arquivo de dados ou de especificações para corrigi-los. Se não encontrar nenhum

erro, o arquivo gerado pelo Checktok é utilizado como arquivo de entrada para o programa Readtok.

O programa Readtok otimiza os dados, mantendo somente os dados imprescindíveis para a análise estatística. É gerado, então, um arquivo de ocorrências (*.oco), que servirá de entrada para o programa Makecell.

O programa Makecell gera o arquivo de células (*.cel), que contém o percentual de aplicação dos fatores selecionados e sua frequência e serve de base para os cálculos realizados pelo Ivarb.

Por último, o programa Ivarb gera o arquivo (*.var), que seleciona os grupos de fatores significativos na variação e contém as percentagens de ocorrência do fenômeno analisado, globais e por grupo de fatores, bem como os pesos relativos de cada fator.

O programa Crosstab cruza as variáveis mais significativas, indica os percentuais e o número de ocorrências dos fatores, para que sejam realizadas tabelas comparativas com os fatores considerados de maior relevância pelo pesquisador.

3.5 Definição das variáveis

3.5.1 Variável dependente

Com relação à neutralização das vogais médias em posição postônica final foram estabelecidas as seguintes variantes:

- ocorre a neutralização
- não ocorre a neutralização

3.5.2 Variáveis independentes

3.5.2.1 Variáveis lingüísticas

As variáveis a seguir foram escolhidas devido ao fato de a literatura da área, mais precisamente Vieira (1994), tê-las considerado como condicionadoras do comportamento das vogais médias em posição postônica.

Assim sendo, foram controladas as seguintes variáveis:

Contexto vocálico precedente

- palavra com vogal alta [i]
- palavra com vogal alta [u]

-palavra sem vogal alta

-palavra monossílaba

Segmento precedente

-nasal /m,n,ɲ/

-líquida /l,r, ,R/

-estridente coronal [s,z,ʃ,ʒ,tʃ, dʒ]

-plosiva labial /p,b/

-plosiva coronal /t,d/

-plosiva dorsal /k,g/

-fricativa labial /f,v/

Segmento seguinte

-sibilante /s/

-nasal /m,n/

-vibrante /r/

-lateral /l/

-vogal /i/

-sem segmento seguinte (final de frase)

-outros

Tipo de sílaba postônica final

- com coda nasal /m,n/
- com coda lateral /l/
- com coda vibrante /r/
- com coda glide /j/
- com coda sibilante /s/
- sem coda, por apagamento
- sem coda (termina em vogal)

Classe gramatical

- substantivo
- adjetivo
- verbo
- outro

Estrutura da sílaba postônica final

- sílabo pesada
- sílabo leve de paroxítona
- sílabo leve de proparoxítona

3.5.2.2 Variáveis extralingüísticas

Em estudos variacionistas, como os de Monaretto (1992), Quednau (1994), Vieira (1994), foi detectada a influência que exerce outra língua – alemão, italiano, espanhol – sobre o português gaúcho por ocasião do contato.

Na presente pesquisa isolou-se a variável referente à etnia, pois restringiu-se o estudo à região de Santa Vitória do Palmar, cidade que sofre influência lingüística por contato com o espanhol. Assim, avaliaram-se outros aspectos extralingüísticos que pudessem constituir fatores da variação.

Faixa etária

A comunidade de Santa Vitória do Palmar manteve-se por muito tempo isolada do resto do Brasil, com comunicações extremamente precárias com outras regiões inclusive do Estado do Rio Grande do Sul. Pela posição geográfica e pela história da cidade, que até os anos 70, quando houve a construção da BR 471, tinha muito maior contato com o Uruguai do que com outras cidades do Rio Grande do Sul, é possível constatar-se a influência da língua espanhola no português nessa região, como demonstra Hensey (1972), em seus estudos sobre as áreas limítrofes entre o Brasil e o Uruguai.

Com o Mercado Comum do Sul - Mercosul - iniciou-se um maior intercâmbio econômico e cultural entre os países membros. Os idiomas Espanhol e Português são comuns nas cidades fronteiriças do Brasil e Uruguai, e estão começando a ser implantados como disciplinas na maioria das escolas desses países.

Escolheu-se o grupo faixa etária como variável a ser controlada nesta pesquisa por entender-se que a regra de neutralização tem caráter variável com possibilidade de expansão em falantes jovens, devido ao crescente contato da comunidade com outras cidades do Rio Grande do Sul e do Brasil, onde a neutralização é registrada, em contraposição ao que ocorre no Uruguai, já que essa regra não integra o funcionamento da fonologia do Espanhol.

Esse grupo de fatores foi assim dividido:

- informantes de 13 a 18 anos
- informantes mais de 50 anos

Escolaridade

A variável escolaridade foi escolhida porque se entende que a escola pode atribuir pressões regularizadoras sobre formas lingüísticas. Votre (1992,p. 77-9) afirma

que “o compartilhamento das experiências, o fato de a consciência ser social e o esforço de cada interlocutor em dar conta das tarefas comunicativas de modo a garantir-lhe prestígio e êxito comunicativo nos contextos mais sofisticados de que participa garantem-lhe o domínio das formas típicas dos usuários desses contextos”.

Assim, incluíram-se neste trabalho os seguintes fatores:

- 1º grau incompleto (5ª a 7ª série)
- 1º grau completo (sem 3º grau)

4 ANÁLISE ESTATÍSTICA: DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS

Neste capítulo encontram-se a descrição e a discussão dos dados desta pesquisa, os quais foram submetidos ao pacote computacional VARBRUL, conforme as especificações apresentadas no capítulo 3, ressaltando-se as variáveis consideradas estatisticamente relevantes, em ordem de significância, no que se refere à neutralização das vogais postônicas finais do português, na manifestação lingüística da cidade de Santa Vitória do Palmar.

As variantes cujos registros não ultrapassaram o patamar de cinco ocorrências foram retiradas; portanto o número de variantes registradas no *corpus* foi maior do que aquele submetido à análise. Foi analisado o universo de 1.557 dados referentes à ocorrência de vogais em posição postônica final.

4.1 Faixa etária

Nesta pesquisa, a variável de maior importância para a aplicação da regra de elevação das vogais médias, entre as selecionadas pelo programa, foi a “Faixa etária”. As tabelas seguintes mostram os resultados obtidos.

TABELA 1 – Comportamento da vogal /e/, segundo a variável “faixa etária”

Faixas etárias	Frequência	Peso
de 13 a 18 anos	$\frac{14}{269}$ 5%	.59
mais de 50 anos	$\frac{21}{150}$ 12%	.35

Exemplos: cidad[i], broch[i].

TABELA 2 – Comportamento da vogal /o/, segundo a variável “faixa etária”

Faixas etárias	Frequência	Peso
de 13 a 18 anos	$\frac{29}{538}$ 5%	.75
mais de 50 anos	$\frac{181}{355}$ 34%	.24

Exemplos: mund[u], gaúch[u].

Na Tabela 1 pode-se observar que os informantes com mais de 50 anos de idade não aplicam significativamente a regra de neutralização da vogal /e/ ao apresentar essa variável peso relativo (.35). No entanto os dados dos informantes de 13 a 18 anos de idade apresentam peso relativo (.59), mostrando o favorecimento à aplicação da regra.

Os resultados referentes à vogal /o/, apresentados na Tabela 2, são semelhantes aos da vogal /e/. Os informantes com mais de 50 anos (.24) não mostram índices favoráveis à aplicação da regra de neutralização da vogal /o/ e, em oposição, nos informantes de 13 a 18 (.75) os resultados mostram favorecimento à aplicação da referida regra .

4.2 Segmento precedente

Outra variável que apresentou resultados significativos para o estudo em foco foi relativa ao segmento precedente à vogal média alta.

Quanto ao segmento precedente, seu emprego está explicitado nas Tabelas 3 e 4; essa foi a segunda variável em relevância.

TABELA 3 – Comportamento da vogal /e/ segundo a variável “segmento precedente”

Segmento precedente	Frequência	Peso
outros	$\frac{27}{199}$ 12%	.33
líquida /l,r,ʎ,R/	$\frac{4}{56}$ 7%	.48
estridente coronal [s,z,ʃ,ʒ,tʃ, dʒ]	$\frac{14}{164}$ 8%	.73

Exemplos: chequ[i], par[i], belich[i].

TABELA 4 – Comportamento da vogal /o/ segundo a variável “segmento precedente”

Segmento precedente	Frequência	Peso
outros	$\frac{157}{665}$ 19%	.50
líquida /l,r,ʎ,R/	$\frac{39}{157}$ 20%	.49
estridente coronal [s,z,ʃ,ʒ,tʃ, dʒ]	$\frac{14}{71}$ 16%	.54

Exemplos: camp[u], mur[u], riach[u].

Na Tabela 3 vê-se que o número de ocorrências das líquidas é insuficiente para que se faça qualquer afirmativa segura sobre sua influência, sendo também o peso relativo a elas referente próximo a .50, mostrando neutralidade com relação à regra estudada. O fator estridente coronal apresenta um peso relativo alto e pressupõe-se que essa variante favoreça a neutralização de /e/. Outros segmentos consonantais (exceto líquidas e estridentes) tendem a não favorecer a aplicação da regra na vogal /e/, o que pode ser evidenciado pelo peso relativo (.33).

Vieira (1994, p.56) apresenta a líquida (.26) como fator de menor influência na elevação da vogal /e/. A sibilante figura como neutra (.45), a nasal com um peso relativo alto (.61) e outros segmentos consonantais como favorecedores com peso relativo (.70).

Os dados das Tabelas 3 e 4 foram amalgamados para que se pudesse comparar os resultados com o estudo de Vieira (1994), entretanto anteriormente fez-se também o levantamento do fator “nasal” em separado, sem estar incluída em *outros*, e os resultados foram: .31 para a vogal /e/ e .44 para a vogal /o/, mostrando que, nesta pesquisa, esse segmento não foi favorecedor da regra de neutralização.

Na Tabela 4, no que concerne à estridente coronal, com peso relativo (.54), verifica-se que é neutra, não condicionando a neutralização da vogal /o/, assim como a líquida precedente, com (.49) e os outros segmentos com (.50).

Segundo Vieira (1994, p.56), em relação à vogal /o/ os resultados apresentados demonstram que a sibilante é o fator de menor influência, com peso relativo de apenas (.39); a líquida é neutra (.49) e os outros segmentos tendem a favorecer a elevação de /o/, constatado pelo peso relativo (.62). É importante salientar que Vieira considerou como sibilantes somente /s, z/, sendo que neste trabalho consideraram-se também as palatais /ʃ,ʒ,tʃ,dʒ/ e deu-se o nome de estridente coronal ao fator que as engloba.

4.3 Segmento seguinte

Também o segmento seguinte foi selecionado pelo programa VARBRUL como significativo para a neutralização das vogais postônicas finais.

No que concerne ao grupo de fatores segmento seguinte, seu emprego está demonstrado nas Tabelas 5 e 6.

TABELA 5 – Comportamento da vogal /e/ segundo a variável “segmento seguinte”

Segmento seguinte	Frequência	Peso
sibilante /s/	$\frac{2}{26}$ 7%	.52
nasal /m,n/	$\frac{4}{56}$ 7%	.53
vogal /i/	$\frac{1}{17}$ 6%	.58
sem segmento seguinte (final de frase)	$\frac{6}{33}$ 15%	.31
outros	$\frac{22}{282}$ 7%	.51

Exemplos: mês[i]s, consegu[i]muito, part[i]histórica, vint[i]cinco

TABELA 6 – Comportamento da vogal /o/ na variável “segmento seguinte”

Segmento seguinte	Frequência	Peso
sibilante /s/	$\frac{8}{37}$ 18%	.51
nasal /m,n/	$\frac{23}{148}$ 13%	.60
lateral /l/	$\frac{2}{9}$ 18%	.51
vogal /i/	$\frac{9}{46}$ 16%	.54
sem segmento seguinte (final de frase)	$\frac{33}{57}$ 37%	.28
outros	$\frac{135}{596}$ 18%	.50

Exemplos: prim[u]s, impregad[u]meu, muit[u]indiana, camp[u]limp[u], velh[u]feito

Observando-se a Tabela 5, vê-se que o fator sibilante (.52), nasal (.53), e outros segmentos consonantais (.51) são considerados neutros para a neutralização de /e/. A vogal /i/ como segmento seguinte tende a favorecer a aplicação da regra (.58), mas apresenta uma só ocorrência, vê-se claramente que a variante “sem segmento seguinte” parece inibir a elevação da vogal /e/, pode-se constatar esse fato através do peso relativo (.31) .

Na Tabela 6 vê-se que o fator sibilante (.51) e outros segmentos consonantais (.50) são neutros para a neutralização de /o/, contudo a variante “sem segmento seguinte” com peso relativo (.28) não é contexto favorável à elevação da vogal média /o/. A presença da vogal /i/ (.54) e da nasal (.60) parecem favorecer a neutralização de /o/.

Os resultados das Tabelas 5 e 6 evidenciaram que o fator “sem segmento seguinte” inibe a regra de neutralização, no entanto, voltando-se ao *corpus* do presente trabalho, verificou-se que as ocorrências encontravam-se em maior número nas gravações de somente dois informantes, o que não permite que se estabeleça a generalização de que esse contexto seja efetivamente inibidor da regra. Para manter-se essa conclusão seria necessária a análise de maior número de dados.

No estudo de Vieira (1994) sobre a neutralização das vogais médias postônicas, o fator segmento seguinte não foi selecionado pelo programa como significativo para o fenômeno da neutralização.

4.4 Outros grupos de fatores

O programa não selecionou como significantes os fatores que seguem, no entanto seus resultados estatísticos serão expostos para que se possa compará-los com o

estudo de Vieira (1994). Para Vieira esses fatores foram relevantes para a elevação das vogais médias /e/ e /o/.

4.4.1 Contexto vocálico precedente

Em se tratando da vogal /e/, os resultados relativos ao contexto vocálico precedente obtidos na presente pesquisa são apresentados na Tabela 7, sendo que e os dados da vogal /o/ aparecem na Tabela 8.

TABELA 7 –Comportamento da vogal /e/, segundo a variável “contexto vocálico precedente”

Contexto vocálico precedente Peso	Frequência	
palavra com vogal alta [i]	$\frac{5}{35}$	13%
palavra sem vogal alta .51	$\frac{29}{371}$	7%
Exemplos: tim[i], art[i].		

TABELA 8 –Comportamento da vogal /o/, segundo a variável “contexto vocálico precedente”

	Frequência		Peso
palavra com vogal alta [i]	$\frac{49}{187}$	21%	.47
palavra sem vogal alta	$\frac{142}{633}$	18%	.51

Exemplo: cassin[u], rat[u].

Nas Tabelas 7 e 8 verifica-se que a variável “contexto vocálico precedente” não foi significativa para a análise dos dados desta pesquisa. A presença ou ausência de uma vogal alta na palavra parece não exercer influência no comportamento da átona postônica. Nas vogais /e/ e /o/ os pesos relativos, respectivamente, .37 X .51 e .47 X .51 não mostram influência de vogal alta na palavra para a elevação da átona final na produção lingüística da comunidade de Santa Vitória do Palmar.

Vieira (1994, p.55) indica, através de seus resultados, (.64) X (.36) para /o/ e (.58) X (.42) para /e/, que palavras com vogal alta favorecem a elevação das vogais médias postônicas finais mais do que palavras sem vogal alta. Esse resultado está em consonância com os dados desta pesquisa, quando, pelas Tabelas 5 e 6, se vê que o

contexto seguinte [i] tende a favorecer a neutralização de /e/ (.58) e de /o/ (.54) em posição átona final .

4.4.2 Tipo de sílaba postônica final

As Tabelas seguintes apontam os resultados da influência do “tipo de sílaba postônica final” na neutralização das vogais aqui estudadas.

TABELA 9 – Comportamento da vogal /e/, segundo a variável “tipo de sílaba postônica final”

Tipo de sílaba Peso	Frequência		
com coda sibilante	$\frac{2}{30}$	6%	.55
sem coda (termina em vogal)	$\frac{31}{380}$	8%	.50

Exemplos: bail[i]s, beg[i].

TABELA 10 – Comportamento da vogal /o/, segundo a variável “tipo de sílaba postônica final”

Tipo de sílaba	Frequência	Peso
com coda sibilante	$\frac{27}{80}$ 25%	.41
sem coda por apagamento	$\frac{7}{23}$ 23%	.44
sem coda (termina em vogal)	$\frac{176}{785}$ 18%	.51

Exemplos: dad[u]s, os filh[u], pret[u].

A partir da Tabela 9 é possível concluir que o fator sílaba “sem coda” (.50) não exerce qualquer tipo de influência sobre a elevação da vogal média /e/. O fator sílaba “com coda sibilante” não pôde ser considerado, devido a seu número excessivamente baixo de ocorrências.

No que concerne ao estudo de Vieira (1994, p.58), os resultados indicam que o fator com menos peso para a aplicação da regra de elevação da vogal /e/ é o contexto de sílaba fechada por nasal ou lateral, com peso relativo (.04), se bem que a ocorrência seja de 5 casos em 325 possibilidades. Já a sílaba “sem coda”(.79) é favorecedora da elevação da vogal /e/. A sílaba “com coda /s/” tem o peso relativo (.86), demonstrando ser fator de grande favorecimento de elevação da vogal média /e/.

Com respeito à neutralização da vogal /o/, observa-se, na Tabela 10, que o fator “com coda sibilante” (.41) e o fator “sem coda”(51) não exercem qualquer tipo de influência sobre a elevação da vogal média /o/ nos dados da presente pesquisa.

Para Vieira (1994, p.58) o fator sílaba “sem coda” não exerce qualquer tipo de influência sobre a elevação da vogal média /o/, com o resultado de (.50). Por outro lado a sílaba “com coda /s/” (.64) é a que mais favorece a neutralização da vogal /o/ nos dados analisados pela autora.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta a análise de aspectos lingüísticos inerentes à fonologia, e a análise de aspectos extralingüísticos. A primeira abordagem trata de questões contextuais lingüísticas sob a luz da Fonologia Autossegmental, a segunda procura entender como incidem na variação os aspectos extralingüísticos sob o ponto de vista da Sociolingüística.

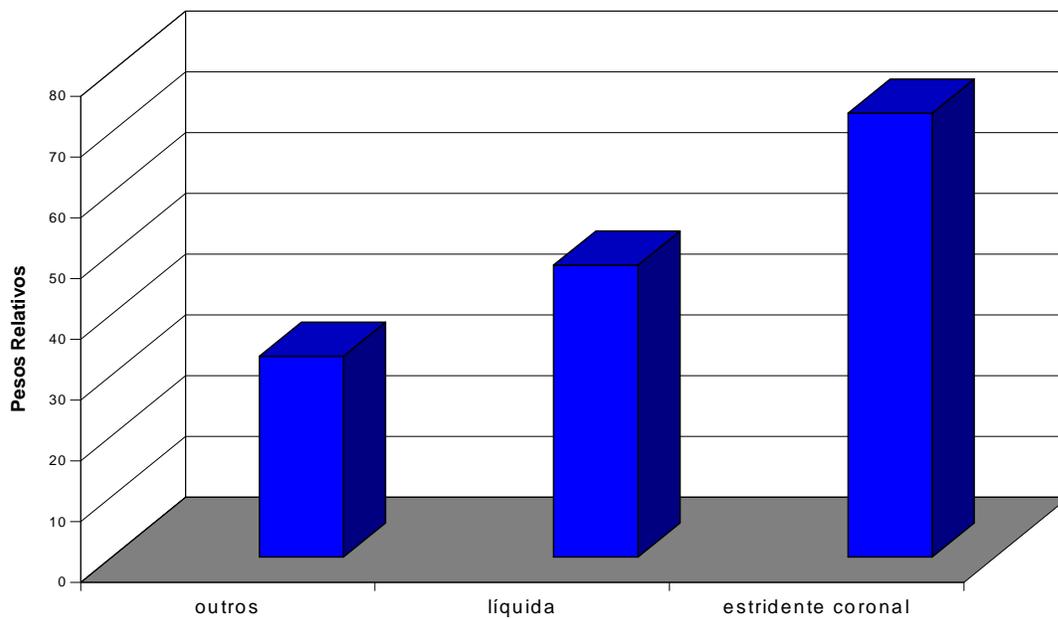
Na análise estatística dos dados o programa selecionou duas variáveis lingüísticas e uma variável extralingüística como favorecedoras da regra de neutralização das vogais postônicas finais /e/ e /o/ nos dados dos falantes da cidade de Santa Vitória do Palmar.

5.1 Grupo de fatores lingüísticos favorecedores da neutralização

5.1.1 Fator lingüístico favorecedor

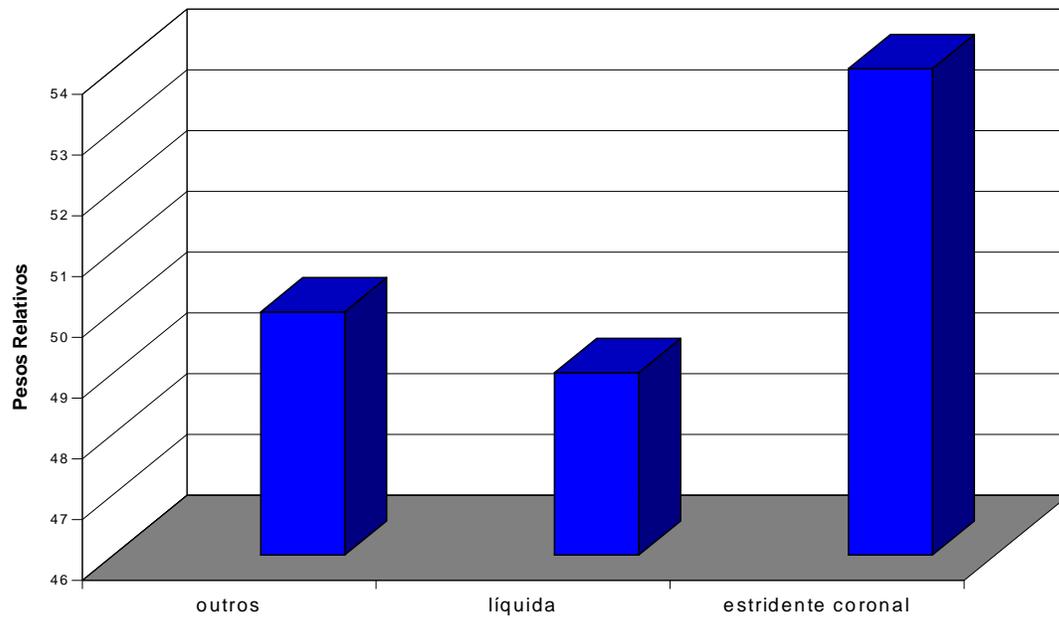
O gráfico que segue mostra que a variável “segmento precedente”, segundo a análise estatística, é favorecedora da regra de neutralização das postônicas finais, sendo o fator “estridente coronal” o contexto de maior relevância para sua aplicação.

Gráfico (1) – Comportamento da vogal /e/ segundo a variável “segmento precedente”



Exemplos: hereg[i], bail[i], fantoch[i].

GRÁFICO (2) – Comportamento da vogal /o/ segundo a variável “segmento precedente”



Exemplos: jog[u], caval[u], ded[u]

Neste estudo considerou-se como fator estridente coronal as alveolares /s,z/ e as palatais /ʃ,ʒ,tʃ,dʒ /, sendo que no *corpus* as ocorrências em maior número foram de palatais.

A pesquisa de Vieira (1994, p.56), realizada com falantes das zonas metropolitana, de colonização alemã e italiana e da fronteira, apresenta a sibilante como neutra (.45 para /e/ e .39 para /o/)para a regra de neutralização das átonas finais. Pode atribuir-se essa diferença de resultados entre a presente pesquisa e a de Vieira à distinção de etnia entre os informantes: como o presente trabalho estuda um *corpus* da comunidade de Santa Vitória do Palmar, que sofreu em sua história e ainda hoje sofre grande influência do Uruguai e da Língua Espanhola, o comportamento da regra de neutralização aqui apresentado pode ter sido diferente do funcionamento da mesma regra nos dados de Vieira, uma vez que seu *corpus* foi constituído por falantes de outras etnias.

Os informantes da zona de fronteira estudados por Vieira (1994) eram da cidade de Santana do Livramento, cidade fronteiriça com Rivera, no Uruguai, e conforme afirma Espiga (1997, p.2), esse município mostra uma realidade distinta de Santa Vitória do Palmar, localidade estudada na presente pesquisa, que tem permanecido inexplorada até a presente data, e que apresenta, em sua linguagem, peculiaridades lingüísticas merecedoras de análise enquanto distintivas de uma variedade própria, mais exposta à influência do Espanhol Uruguaio que outras variedades do dialetal gaúcho - fronteiriços ou não- em que se insere. Assim sendo, a fronteira não pode ser considerada como um todo, pois constitui-se, também, de diferenças historicamente construídas, afetando conseqüentemente o plano lingüístico.

Outra razão para a diferença de resultados pode ser encontrada no fato de, no presente trabalho, o fator “estridente coronal” ter incluído também as coronais palatais, enquanto Vieira considerou apenas as estridentes /s,z/.

Vários estudos comprovam serem as palatais contexto favorecedor para a elevação das vogais médias altas no Português Brasileiro.

Bisol (1988, p. 09), em um artigo sobre a harmonização vocálica na fala culta, relata que as vogais altas são produzidas pelo levantamento do corpo da língua, seja em direção ao palato mole [u], seja em direção ao palato duro [i] , e que as consoantes de articulação similar deveriam favorecer o processo de harmonização vocálica, tanto a velar, articulada com o dorso da língua levantado, quanto a palatal, emitida com todo o corpo da língua levantado.

Em um estudo maior, que deu origem ao artigo acima referido, Bisol (1981, p.76-80) demonstra que a palatal é uma consoante que influencia a elevação das vogais médias altas no contexto vizinho, pois tende a propiciar a elevação das vogais /e/ e /o/ no processo de harmonização vocálica.

Huber (1933/1986, p.72-8), estudando o português arcaico, observa que o /e/ pretônico do latim vulgar se realiza como [i] em princípio da palavra (ecclesia> igreja≈egreja) e em interior da palavra nos seguintes ambientes: a)**seguido por som**

palatal (meliore>milhor≈melhor); b)na presença de semivogal na sílaba seguinte (minuare>minguar); c)em hiato (leone>liom≈leom); d)**antecedido por consoante palatal (genec(u)lu>giolho≈geolho)** e, finalmente, seguido de /i/ em sílaba tônica (vestire>vestir≈vistir).

Maia (1986), que examina o /e/ pretônico em trabalho comparativo entre o português e o galego, apresenta como ambiente favorecedor para a alternância [e]~[i]: a)a posição inicial absoluta, podendo variar ainda com o ditongo [ei]; b)a posição não-inicial absoluta, seguida de /i/ na sílaba seguinte;c)**o contato com consoante palatal (Giraldo, melhor)**; d) ser seguido por /i/ em sílaba tônica.

Quanto ao [o], os ambientes em que há alternância com [u] são: a)posição inicial absoluta seguida de /i/ ou /u/ na sílaba seguinte; c) contato com consoante labial; d)**contato com consoante palatal (cuñado, culleres, muller)**.

A questão da altura das vogais pretônicas na variedade culta de Salvador é objeto principal na análise de Silva (1986,p.218). A autora diz que “uma vogal não alta torna-se sempre baixa (ex.b[é]liche, c[ó]légio, p[é]cado, conf[é]rencia e p[ó]tencia), a menos que, na sílaba subsequente, esteja uma vogal média, ou que, em verbos e deverbais de primeira conjugação, **a consoante imediatamente seguinte seja uma palatal**”.

Stella Maris Bortoni, Cristina Abreu Gomes, Elisabete da Silva Malvar e Poliana Maria Alves, em um estudo do /e/ pretônico nos dialetos de Alagoas e de Brasília (1991, p. 83), apresentam na variável “efeito da consoante anterior na elevação do /e/”, como fator condicionador, a palatal: para os Candangos foi relevante, no entanto para os alagoanos não foi significativa.

Ao estudar os ditongos derivados no português brasileiro, Bisol (1994) mostra a distinção entre o ditongo fonológico e o ditongo fonético. O primeiro está representado na subjacência por duas vogais, e o segundo somente por uma vogal: o glide coronal se superficializa, por derivação do nó vocálico da consoante palatal subsequente.

Analisando a variável “contexto seguinte” a autora constatou em seu trabalho que a ausência do glide (peixe-peixe, feira-fera) é quase categórica **quando a consoante seguinte é uma palatal** ou uma vibrante simples.

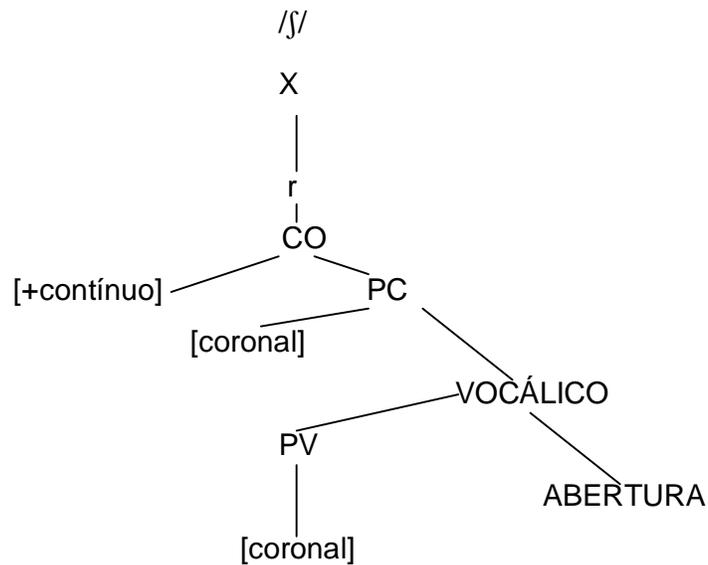
Verificando a influência que vogais e consoantes exercem entre si em diferentes línguas naturais, Clements (1991) defendeu que tanto vogais quanto consoantes apresentam um só conjunto de traços de ponto de articulação, e propôs que esses traços possuem a mesma categoria formal de lugar de articulação, que inclui os referentes à cavidade oral – labial, coronal, dorsal – e traços da cavidade faríngea, radical. A diferença entre vogais e consoantes, segundo o autor, está no nível que esses traços ocupam na estrutura arbórea que caracteriza a estrutura interna dos segmentos.

As vogais também são caracterizadas, além dos traços do ponto de articulação , pelos traços de abertura, conforme foi explicitado no Capítulo 2 deste trabalho.

É fundamental, para se entenderem os processos de assimilação, a diferença de localização, na estrutura arbórea, dos traços de ponto de articulação de consoantes e vogais .

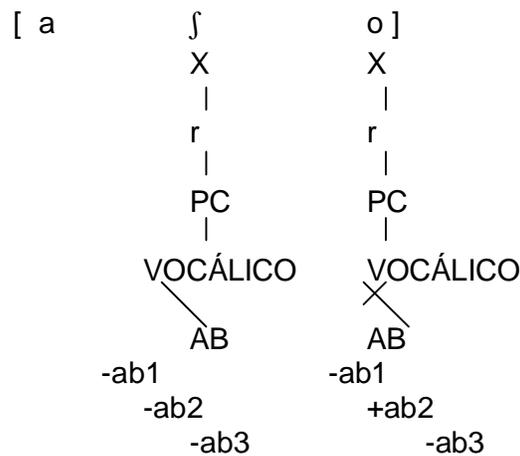
Segundo Bisol (1994, p. 128), a palatal coronal /ʃ/, por exemplo, é uma consoante complexa, que apresenta, em sua estrutura interna, além da constrição primária consonantal, uma constrição secundária vocálica, conforme aparece em (21), representada pelo nó vocálico:

(21)



Ao afirmar-se que uma palatal precedente favorece a elevação das vogais médias altas, em se tratando da consoante complexa /ʃ/, por exemplo, pode entender-se que é o nó abertura, dominado pelo nó vocálico, na estrutura desse segmento, que se mostra como o gatilho para tal comportamento. É o que se pode observar em (22).

acho /aʃo/ →[aʃu]



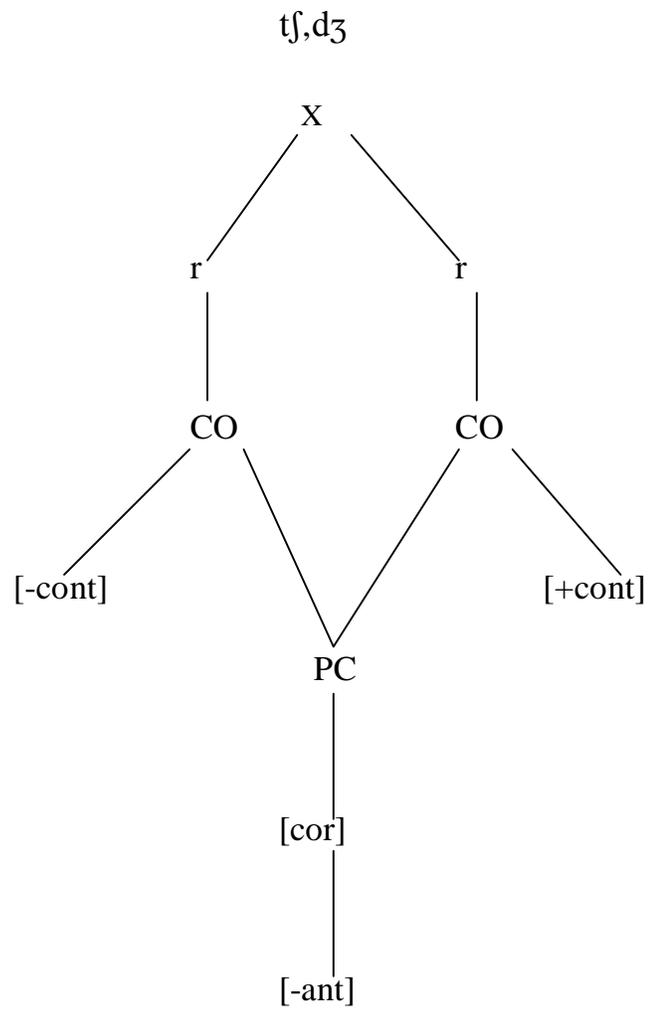
Aceitando-se essa possibilidade, estaria atuando no exemplo referido – juntamente com a regra de neutralização – uma regra de assimilação também. Esse fato explicaria o significativo favorecimento à elevação das vogais médias seguintes a consoantes palatais.

Através dos estudos sobre harmonização vocálica, ditongos derivados e outros processos assimilatórios, observa-se que a consoante palatal como contexto vizinho pode efetivamente influenciar o comportamento das vogais médias. Tendo em vista que o presente trabalho estuda o processo de neutralização das vogais médias, verifica-se a relevância dos resultados referentes ao fator “segmento precedente” que considera a palatal /ʃ,ʒ,tʃ,dʒ/ como provável contexto favorecedor da regra de elevação das vogais médias postônicas finais.

A presente pesquisa verificou que não só as estridentes coronais palatais /ʃ,ʒ/ condicionaram a neutralização das vogais átonas postônicas, mas também as africadas palatais [tʃ,dʒ]. Em se tratando deste último contexto favorecedor da neutralização, pode ser explicado pelo fato de se tratar de consoantes realizadas com elevação do corpo da língua, característica articulatória que lhes determinou a atribuição do traço [+alto] no modelo gerativo clássico de Chomsky & Halle (1968). Sendo, portanto, as africadas palatais segmentos [+altos], é coerente mostrarem-se contextos favorecedores da elevação de vogais átonas finais, determinando o processo de neutralização.

No modelo de Clements & Hume (1995), essa característica de segmento [+alto] pode ser interpretada pela presença, em sua estrutura interna, da combinação de traços [coronal, - anterior]. Essa configuração de traços aparece na representação de [tʃ,dʒ], conforme aparece em (23).

(23)



5.2 Grupo de fatores extralingüísticos favorecedores da neutralização

A escolaridade é um dos fatores que vem mostrando significância no comportamento lingüístico dos falantes. Os mais escolarizados tendem a usar as formas da língua-padrão; já os que nunca ou pouco freqüentaram a escola diferem da norma e têm, muitas vezes, despertado uma reação negativa à variante padrão.

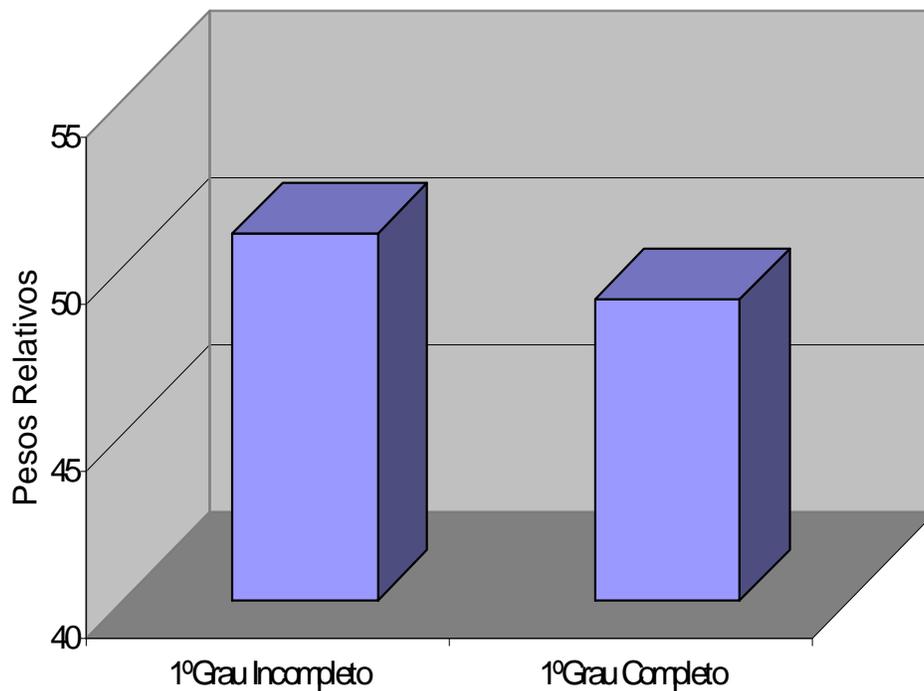
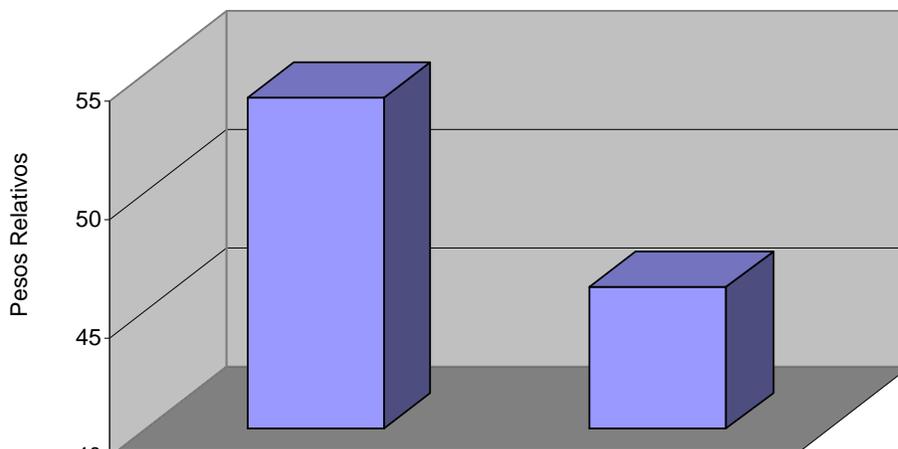
Em um estudo para verificar o condicionamento da escolaridade nas pessoas, Eckert (1989) participou dos acontecimentos diários de estudantes em uma escola do 2º grau do subúrbio de Detroit. Nessa comunidade, a estrutura social, de acordo com Eckert, baseia-se na bifurcação de dois grupos polares: os Jocks, que centram suas vidas em torno da escola e suas atividades, e os Burnouts, que rejeitam a centralidade da escola e procuram ocupar seu tempo fora dela.

Sua pesquisa verificou que os estudantes que dominam as atividades da escola têm a tendência de vida dos níveis sociais mais altos da comunidade e aqueles de *status* mais baixos tendem a dissociar-se dela. Alguns poucos cortam esse caminho da classe em que foram criados e passam para o grupo dos Jocks. Nesse estudo houve uma interação entre classe social, escolaridade e idade.

Ao estudar o francês de Montreal, Kemp (1981), com o objetivo de discutir os padrões sociolingüísticos que dele emergem, apresenta que o nível de escolarização se revela um poderoso condicionante na escolha de variantes lingüísticas. Há uma tendência relevante a que falantes universitários usem mais formas padrão do que falantes não universitários. Kemp ressalta também que o efeito do fator escolarização está relacionado ao fator idade. Assim, as diferenças de escolarização parecem mais significativas entre falantes mais velhos do que entre falantes mais jovens.

No presente trabalho, a variável escolaridade não apresentou resultados muito contrastivos, como pode ser visto nos gráficos a seguir:

Gráfico (3) - Comportamento da vogal /e/, segundo a variável escolaridade



De acordo com os resultados constantes nas Tabelas 11 e 12, pode-se observar que existe praticamente uma equivalência de pesos relativos entre os informantes com 1º grau incompleto e os de 1º grau completo quanto ao comportamento das duas vogais estudadas nesta pesquisa. Todavia, apesar de os resultados situarem-se próximos ao ponto neutro, a diferença favorece os de 1º grau incompleto (.54) para a vogal /e/ e (.51) para a vogal /o/.

Devido ao fato de a escolaridade estar relacionada com a idade, comparam-se as variáveis faixa etária e escolaridade; os resultados estão nas tabelas a seguir:

TABELA 11 – Comparação das variáveis escolaridade e faixa etária na vogal /e/

Escolaridade	Peso	faixa etária	Peso
1º grau incompleto	.52	de 13 a 18 anos de idade	.58
1º grau completo	.48	mais de 50 anos de idade	.37

TABELA 12 – Comparação das variáveis escolaridade e faixa etária na vogal /o/

Escolaridade	Peso	faixa etária	Peso
1º grau incompleto	.50	de 13 a 18 anos de idade	.75
1º grau completo	.50	mais de 50 anos de idade	.24

Verifica-se que os falantes mais novos (13 a 18 anos) com 1º grau incompleto, em se tratando da vogal /e/, apresentam um índice um pouco mais alto de aplicação da regra de neutralização das vogais médias postônicas finais, mas acredita-se não ser esse o fator desencadeador do processo estudado.

Os informantes de mais idade, segundo Labov (1983, p.180), têm uma tendência a manter suas antigas formas de prestígio, que cristalizaram em uma época da sua vida, e os membros mais jovens aceitam as formas mais novas.

A comunidade de Santa Vitória do Palmar, cidade perto da fronteira com o Uruguai, somente nas últimas décadas apresenta maiores facilidades de comunicação com as cidades vizinhas do lado brasileiro, graças à penetração da televisão e à construção da BR 471, sofrendo, até então, grande influência do espanhol.

No idioma espanhol não ocorre o fenômeno da neutralização das vogais médias, portanto os informantes de mais de 50 anos cresceram, em Santa Vitória, com as marcas de prestígio de seus pais, que atribuíam maior valor ao espanhol. Em suas infâncias, no momento em que começaram a freqüentar a escola, esta não estigmatizava o “portunhol” ou a língua falada no Uruguai. Assim sendo, a escola não deve ter exercido a pressão que muitas vezes exerce, isto é, os alunos não devem ter se sentido “ameaçados” pelo professor ao não aplicarem a regra de neutralização, forma predominante no Brasil, já que não era marca de identificação com o grupo de que faziam parte, que respeitavam e lhes assegurava prestígio.

Sassi (1997, p.96), em um estudo sobre a palatalização na comunidade de Santa Vitória do Palmar, apresenta resultados semelhantes: os informantes com menor escolaridade (1º grau) e faixa etária de 10 a 19 anos aplicam mais a variante

palatalizada, enquanto que os de mais de 50 anos não costumam palatalizar, independentemente do nível de escolarização.

Assim como a escolaridade, a classe e o sexo são fatores que exercem influência no comportamento lingüístico dos integrantes de uma comunidade.

No presente estudo não se controlaram as variáveis classe social e sexo, uma vez que trabalhos sobre a neutralização vocálica consideram-nas pouco relevantes. O estudo de Vieira (1994) apresentou resultados neutros para a variável “sexo” e não levantou dados sobre classe social.

5.2.1 Fator extralingüístico favorecedor

A variável extralingüística selecionada pelo programa Varbrul como de maior significância na presente pesquisa foi a faixa etária.

Os gráficos a seguir confirmam esses resultados:

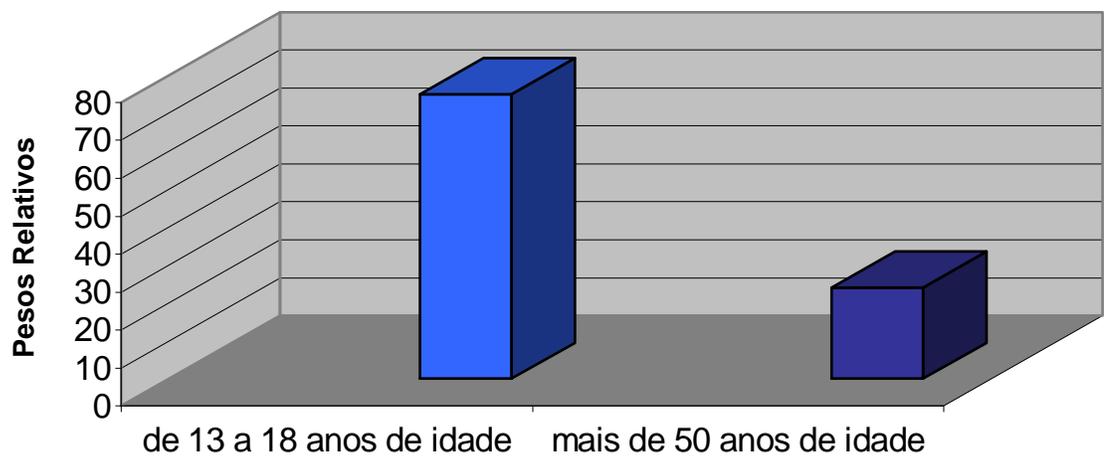


Gráfico (5) – Comportamento da vogal /e/ segundo a variante “faixa etária”

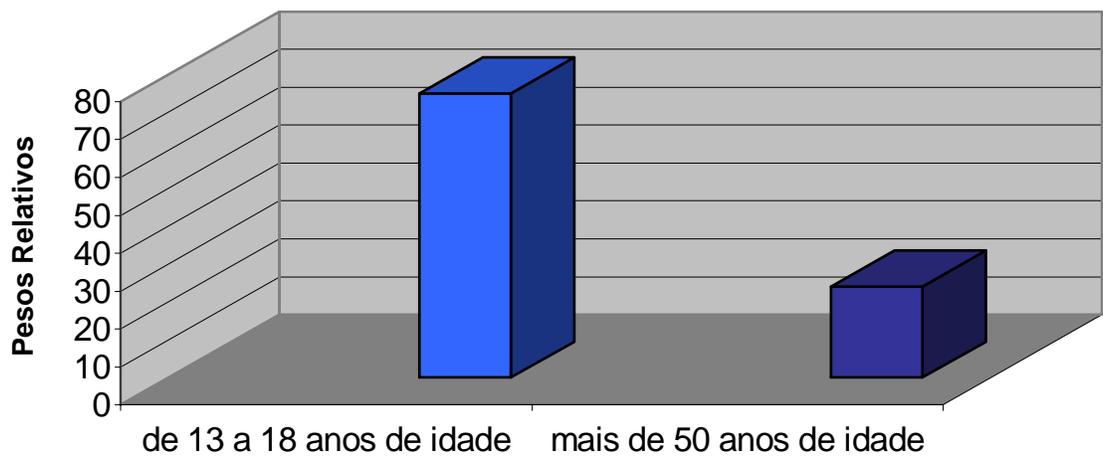
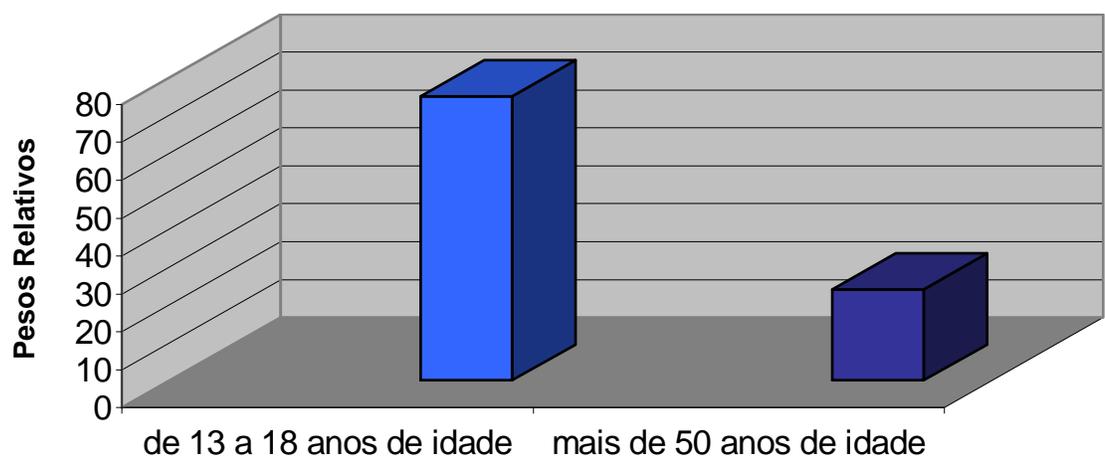


Gráfico (6) – Comportamento da vogal /o/ segundo a variante faixa etária



Pode-se observar que os informantes com mais de 50 anos de idade não aplicam significativamente a regra de elevação da vogal /e/ e tampouco da vogal /o/. No entanto

os dados dos informantes de 13 a 18 anos parecem apresentar peso relativo alto para a neutralização de /o/ e também peso relativo favorecedor para a neutralização de /e/.

Nesta pesquisa a variável "faixa etária" indica, através dos dados quantitativos, que os jovens aplicam mais a regra de neutralização e que parecem mostrar-se mais sensíveis à influência da mídia que os informantes de mais de 50 anos, já que os programas de TV a que os jovens assistem são de redes de comunicação brasileiras, em que a variante lingüística usada apresenta predominantemente a neutralização das vogais átonas postônicas.

Sassi (1997, p.101) explicita que a faixa etária que favorece a regra de palatalização é a de 10 a 19 anos (.69), a faixa de 20 a 50 anos tem um resultado próximo ao ponto neutro (.51), enquanto os informantes de mais de 50 anos tendem a não aplicar a regra, tendo um resultado abaixo do ponto neutro (.34).

Espiga (1997, p. 171-6) em seu estudo na comunidade do Chuí, cidade próxima a Santa Vitória, sobre a influência do espanhol na variação da lateral pós-vocálica do português da fronteira, evidencia que o grupo de fatores faixa etária se mostrou de extrema relevância para a realização da variante vocalizada da lateral. A faixa de até 25 anos exerce condicionamento francamente favorável à forma vocalizada, enquanto a faixa de mais de 45 anos o faz em sentido contrário, inibindo-a. Sua explicação para esse fato

é a relação de contato com o português brasileiro, os falantes com mais de 45 anos mantêm um contato moderado com outras variedades do PB, e os falantes de até 25 anos mantêm um intenso contato com outras variedades do PB

Segundo Chambers (1995), a idade é um fator social e está provando, com os avanços na organização social e na ciência médica, que entre outros vários fatores ela é a mais imutável.

De acordo com o autor, as classes sociais podem ser alteradas segundo as políticas econômicas, que permitem a mobilidade social; assim um indivíduo pode deixar de viver na classe em que nasceu. O fator sexo também pode ser alterado por uma ação política ao reconhecerem as variante referentes ao homossexualismo. No entanto as idades permanecem fixas.

A idade desempenha um papel quase autocrático na vida das pessoas e ela segue o desenvolvimento lingüístico.

O estudo da correlação entre idade e variação lingüística aponta para duas direções básicas: a relação de estabilidade entre variantes lingüísticas – um fenômeno varia mas não muda – ou a existência de mudanças na língua.

Chambers (1995, p.187) diz que se têm exemplos de alteração em progresso, explicitamente, quando as correlações das gerações estão afirmadas em favor da classe, rede de trabalho, sexo ou alguns outros correlatos.

Labov (1966) já defendia essa idéia: para ele o estudo da mudança no tempo aparente pode ser mais confiável, se as diferenças etárias forem reforçadas pelos resultados associados a outras variáveis independentes, como, por exemplo, classe social e sexo. Se uma mudança se inicia na língua, é natural que um segmento da sociedade o lidere. Uma mudança lingüística sempre começa no interior de um grupo social, associando-se aos valores que o caracterizam e, portanto, naturalmente vinculando mais de um aspecto extralingüístico.

Segundo Labov (1994, p.45-6), existem duas abordagens para estudar-se a mudança lingüística em andamento. A primeira possibilidade ocorre traçando-se a mudança no *tempo aparente*, ou seja, fazendo a distribuição de variáveis lingüísticas através de níveis de idade. Ao descobrir-se uma correlação significativa entre idade e variação lingüística, acredita-se que a mudança esteja em progresso, entretanto, se for descoberta uma relação fraca entre as duas, pode-se pensar que seja gradação de idade (Hockett, 1958), isto é, uma mudança regular de comportamento lingüístico com a idade que se repete em cada geração, mas que não implica, necessariamente, mudança lingüística.

A segunda abordagem segue a observação em *tempo real*, isto é, observar uma comunidade de fala em dois pontos discretos no tempo. Segundo Labov, deve-se pesquisar a literatura referente à comunidade estudada e comparar fatores anteriores com os correntes, ou retornar à comunidade depois de um determinado período. O tempo ideal, para o autor, deve corresponder, no mínimo, à metade de uma geração e, no máximo, a duas gerações (mais ou menos de 12 a 50 anos).

Em 1963, Labov evidenciou um processo de mudança, em seu trabalho “The social motivation of a sound change”, em que analisou a mudança na realização fonética do núcleo vocálico dos ditongos /ay/ e /aw/ entre os falantes de Martha’s Vineyard, em Massachussets, Estados Unidos. Os falantes mais velhos preferiam a pronúncia mais centralizada, enquanto os falantes mais jovens usavam a forma inovadora, que é o núcleo vocálico não centralizado.

Chambers (1995, p.185) afirma que onde a mudança alteração está envolvida, uma certa variante que ocorrerá na fala das crianças imagina-se estar ausente ou pouco freqüente na fala dos seus pais. Isso quer dizer que, em caso de mudança lingüística, uma variante da fala dos pais ocorrerá na fala de suas crianças com uma freqüência maior e na fala de seus netos com uma ainda maior freqüência.

A implicação desse fenômeno é que, na comunidade como um todo, sucessivas gerações apresentarão freqüências aumentadas do uso da variante inovadora. A

conclusão lógica, à medida que passa o tempo, seria do uso categórico da nova variante e a conseqüente eliminação de variantes mais antigas.

No Brasil alguns estudos sobre o português fornecem indícios de mudanças em curso.

Bisol (1981) expõe a hipótese de regressão no processo de harmonização das vogais pretônicas baseada nas faixas etárias evidenciadas em seu estudo: jovens elevam menos essas vogais do que os mais velhos.

Callou & Leite (1994) apresentam a análise sobre a distribuição da vibrante na fala de universitários do Rio de Janeiro e evidenciam que a fricativa velar, que é forma inovadora, é mais usada entre os jovens.

Silva & Scherre (1998, p.211), focalizando o português do Rio de Janeiro, verificaram a variação entre as forma *nós* e *a gente*, com base na estratificação etária encontrada no referido trabalho. A forma mais recente - *a gente* - é muito mais freqüente entre os falantes mais jovens.

Hockett (1958, p. 444-5) explica esse fato com um exemplo:

“Suponha que a cada mês nós tivéssemos um período superior a 50 anos, e mil registros acústicos acurados para identificar nitidamente a inicial /t/ e /d/ de todos os membros de uma comunidade fechada. No final dos primeiros cinco anos nós poderíamos computar e desenhar a curva representando as 60 mil observações atualizadamente feitas. O gráfico resultante seria uma fotografia acurada dessa porção de distribuição da expectativa da comunidade. Após outro ano as observações do primeiro ano seriam abandonadas, e as do sexto ano acrescentadas e uma nova curva seria delineada. Cada ano subsequente a mesma operação seria executada; a série de resultados das 46 curvas mostraria qualquer mudança que tivesse acontecido”.

Para Chambers (1995, p.186-7), Hockett apresentou uma “redução até o absurdo” nessa passagem, apesar de, em alguns aspectos, este ter antecipado os métodos que foram desenvolvidos para estudos sobre alterações significativas em progresso. Segundo o autor, quando estudos-piloto de uma observação informal indicam que uma alteração poderia estar em mudança, apreendê-la não requer observações tão numerosas da característica que estava em mudança no estrato social, onde apareça estar acontecendo. Se ela for realmente uma mudança significativa, as observações se mostrarão coerentemente com inovadores e conservadores identificáveis no grupo social, e talvez com fatores inibidores e promotores na mudança no contexto lingüístico.

A presente pesquisa não tem dados suficientes para avaliar se, na comunidade de Santa Vitória do Palmar, o fenômeno da neutralização das vogais médias átonas finais

realmente está em progresso e de apontar seguramente quais seriam os fatores sociolingüísticos que o desencadearam. No entanto, devido ao fato de a população da maioria das cidades do Rio Grande do Sul aplicar a regra de neutralização e, em virtude de a comunidade estudada, segundo os dados históricos , ter passado a manter um contato mais amplo com o português, língua prestigiada atualmente naquela comunidade, acredita-se que a aplicação da neutralização das vogais postônicas finais esteja em mudança progressiva, ou seja, os mais jovens aplicam com mais freqüência do que os mais velhos a regra de neutralização e supõe-se que seus filhos e netos seguirão aplicando-a cada vez com maior freqüência.

6 Conclusão

O presente trabalho, na tentativa de contribuir para os estudos do português da fronteira, comprova que a regra de neutralização das vogais médias postônicas finais é um fenômeno variável, nessa região, como em outras comunidades do Rio Grande do Sul, conforme comprovou a pesquisa de Vieira (1994).

No que se refere à variação, na comunidade de Santa Vitória do Palmar, o maior responsável pelo comportamento variável das vogais médias postônicas finais, é o fator extralingüístico “faixa etária”: os mais jovens aplicam significativamente mais a neutralização das vogais médias postônicas finais Faraco (1991, p.117) concorda com que a predominância de uma variante entre os mais jovens e sua pouca ocorrência entre os mais velhos “pode estar indicando uma mudança em progresso, isto é, que uma das variantes está sendo abandonada em favor da outra”.

A mudança é impulsionada pelos jovens, motivada não somente pela receptividade ao novo, mas pela propensão à influência externa: os informantes adolescentes, seja para fins de estudo, trabalho ou lazer, apresentam maior contato com cidades brasileiras próximas à Santa Vitória Do Palmar, do que com cidades uruguaias, tornando, então, a língua portuguesa forma de prestígio, e não mais o idioma espanhol, como ocorria há alguns anos, conforme comprovam os dados históricos da comunidade.

Dentre os fatores lingüísticos analisados, a presença de uma estridente coronal no segmento precedente à vogal média, é fator relevante para a neutralização em posição postônica final, indicando a possibilidade da existência de uma regra de assimilação que atua junto com a regra de neutralização, favorecendo-a.

A Fonologia Autossegmental permite que se represente o processo de neutralização das postônicas finais através do desligamento do traço [+ aberto 2], resultando um sistema de três vogais, nessa posição, ou seja, [i], [u] e [a]. O sistema preferido pelos falantes mais velhos, por influência da língua espanhola, quase não mostra a regra de neutralização das vogais, apresentando cinco vogais em posição postônica final. Seu sistema evidencia, sim, a regra de neutralização de vogais átonas, representada neste trabalho pela formalização apresentada em (12).

É imprescindível ressaltar a importância de um novo estudo na cidade de Santa Vitória do Palmar, futuramente, para confirmarse se a aplicação da regra de neutralização realmente constituirá mudança lingüística. Além disso, é também de grande relevância a realização de estudo semelhante em outras regiões de fronteira com países de fala espanhola, a fim de que se verifique a influência do espanhol sobre o português falado em cidades brasileiras fronteiriças e se estabeleçam isoglossas com bases nesses estudos. Como língua, cultura e política são fenômenos sociais que se mostram passíveis de influência entre si, a realidade mutante da época atual, pelas alianças localizadas – como o Mercosul -, ou pela globalização, têm de ser objetos de

estudos constantes, para que tenha sua natureza cambiável identificada, analisada e compreendida.

BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, Maria Bernadete M. ; WETZELZ, Leo W. Sobre a Estrutura da Gramática Fonológica. *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n.23, 5-18, 1992.

BISOL, Leda. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Tese (Doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ, 1981.

_____. . A harmonização vocálica na fala culta. *D.E.L.T.A.*, v.4, n.1, p.1-20, 1988.

_____. . O acento e o pé-métrico binário. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas: UNICAMP, n.22, p.69-80, 1992

_____. . Ditongos Derivados. *D.E.L.T.A.* , v.10, n. especial, p.123-140, 1994.

_____. . (org.). *Introdução a Estudos de Fonologia do Português*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BORTONI, Stella M. ; GOMES, Cristina A. MALVAR, Elisabete da S. e ALVES , Poliana Maria. Um estudo Preliminar do /e/ Pretônico. *Caderno de Estudos Lingüísticos*, Campinas, n.20, p. 75-90, 1991.

CALLOU, Dinah; MORAES, João; LEITE, Yonne. *A realização das consoantes pós-vocalísticas no português do Brasil*, 1994. Mimeo.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

_____ . *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

_____ . *Estrutura da Língua Portuguesa*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CEDERGREN, Henrietta; SANKOFF, David. *Variable rules: performance as a Statistical Reflection of Competence*. *Language*, n. 50, p. 333-55, 1974.

CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic Theory: linguistic variation and its social significance*. Cambridge e Oxford: Blackwell Publishers, 1995.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.

CLEMENTS, George. The geometry of phonological features. *Phonological Yearbook*, n. 2 p. 225-252, 1985.

_____ . Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. *Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory*, n.5, p. 77-123, 1991.

_____ , HUME, Elizabeth V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.) *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1995.

ESPIGA, Jorge W. da Rocha. *Influência do Espanhol na Variação da Lateral Pós-vocálica do Português da Fronteira*. Tese (Mestrado). Pelotas: UCPel, 1997.

ECKERT, Penelope. *Jocks and Burnouts: Social Categories and Identity in the High School*. New York and London: Teachers College Press, 1989.

FARACO, Carlos. *Linguística Histórica*. São Paulo: Ática, 1991.

- GOLDSMITH, Johan. *An overview of Autosegmental Phonology*. Linguistic Analysis, n. 2, p. 23-68, 1976.
- HALLE, Morris. Conceitos básicos de Fonologia. In: CHOMSKY, N. JAKOBSON, R. et al. *Novas perspectivas lingüísticas*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1973.
- HENSEY, F. G. *The sociolinguistics of the Brazilian-Uruguayan border*. The Hague: Mouton, 1972.
- HERNANDORENA, Carmen, L. M. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, Leda (org.). *Introdução a estudos de Fonologia do Português*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- HOCKETT, Charles F. *A Course in Modern Linguistic*. New York: Macmillan, 1958.
- HUBER, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.
- KEMP, William. Major sociolinguistic patterns in Montreal french. In: SANKOFF, David & CEDERGREN, Henrietta. *Variable Omnibus*. Canada: Linguistic Research Inc., 1981.
- LABOV, William. *The Social Stratification of English in New York City*. Washington DC: Center for Applied Linguistics, 1966.
- _____. The effect of Social Mobility on Linguistic Behavior. *Sociological Inquiry* 36: 186-203. Reprint in *A Various Language: Perspectives on American Dialects*, Juanita V. Williamson & Virginia M. Burke. (ed) New York: Holt, Rinehalt and Winston, 1971.

_____. *The Social Origins of Sound Change*. Locationg Language in Time and Space, (ed. William Labov). New York: Academic, 1980.

_____. *Language Structure and Social Structure*. Paper Present at the Conference on Qualitative and Quantitative Approaches to Social Theory, University of Chicago, 1983.

_____. *Principles of Linguistic Change*. Vol. I: Internal Factors. Oxford and Cambridge, MA: Blackwell Publishers, 1994.

LEBEN, William. *Suprasegmental Phonology*. Ph Dissertation MIT, 1973.

LOPEZ, Bárbara S. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan Dialect)*. Tese (doutorado). Los Angeles: University of California, 1979.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do Galego-Português*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

MOLLICA, Maria Cecília. (org.) *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. UFRJ, Cadernos Didáticos, 1992.

MONARETTO, V. N. O. *A vibrante: representação e análise sociolingüística*. Tese (Mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 1992.

MOTA, Helena B. *Aquisição Segmental do Português: um modelo implicacional de complexidade de traços* Tese (Doutorado). Porto Alegre: PUCRS, 1996.

NARO, Anthony. Modelos Quantitativos e Tratamento Estatístico. In: MOLLICA, M. C. (org.). *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Rio de Janeiro, *Cadernos Didáticos*, 1992.

- POPLACK, Shana. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, William. *The Social Origins of Sound Change*. Locationg Language in Time and Space,(ed. William Labov). New York: Academic, 1980.
- POSER, Wiliam. Phonological Representations and Action-At-A-Distance. In: Harry Van der Hulst and Norval Smith (orgs.) *The Structure of Phonological Representations* (Part II). Dordrecht: Foris Publications, 1982.
- QUEDNAU, Laura R. A Vocalização Variável da Lateral. *Letras de Hoje*. v. 29, n. 4, p. 143-51, dez. 1994.
- ROSSEAU, Pascale; SANKOFF, David. *Advances in variable rule methodology. Linguistic Variation: Models and Methods*. New York: Academic Press, 1978.
- SASSI, Maria P. M. *A Palatalização na Cidade de Santa Vitória do Palmar*. Tese (Mestrado). Pelotas: UCPel, 1997.
- SCHERRE, Maria Marta P. ; SILVA, Giselle Machline de O. *Padrões Sociolingüísticos – Análise de Fenômenos Variáveis do Português Falado na Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1998.
- SILVA, Myrian Barbosa da. Ainda sobre a natureza vocálica da semivogal do português, *Atas do Simpósio Diversidade Lingüística no Brasil*. Salvador: UFBA, 1986.
- TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1997.
- TRUBETZKOY, N. Principles of Phonology. In: CÂMARA JR, Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

VIEIRA, Maria José Blaskovski. *Neutralização das Vogais Médias Postônicas*. Tese (Mestrado). Porto Alegre: UFRGS, 1994.

VOTRE, Sebastião. Escolaridade. In: MOLLICA, M. C. (org.) *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Rio de Janeiro: *Cadernos Didáticos*, 1992.

